

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 2

Fevereiro de 1917

Ano LXIX

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Noticias, 110 — Lisboa

REORGANIZAÇÃO DO EXERCITO ESPANHOL

Quando a Junta da Defesa Nacional do reino visinho encetou os estudos indispensaveis para fixar as bases da organização do exercito, que lhe haviam sido encomendadas, começou por fazer o estudo detido das organizações militares mundiais, do qual concluiu encerrar-se todo o problema dessa natureza em duas orientações, que se pódem denominar classicas.

Na primeira, propria das nações poderosas pela sua grande potencialidade economica, parte-se do serviço pessoal obrigatorio, constituindo permanentemente as unidades de primeira linha e dotando-as com fortes efectivos.

Na segunda, peculiar dos países em que a constituição politica e o culto da tradição têm maior importancia do que a questão economica, como a Suíça, o tipo do exercito adoptado é o de quadros reduzidos, que mantêm na paz escassas tropas permanentes, e na mobilização encorporam os licenciados, com as quais são constituídas as unidades de combate.

A Junta, ao ter de optar por uma dessas orientações, encontrou dificuldades em se pronunciar por uma solução radical. Se adoptasse os moldes das grandes potencias, o exercito a organizar deveria constituir o efectivo de dois milhões de homens, correspondentes a 1 por 100 do total de habitantes da Espanha, cifra por aquelas nações considerado como minimo, mas a sua respectiva potencialidade economica não permitiria

adquirir os recursos indispensaveis para manter no pé de guerra tão consideraveis efectivos. Nação de segunda ordem, sem vigorosa potencialidade economica, a Espanha não podia albergar a aspiração de preferencia pelo tipo de exercito das nações poderosas; mas a sua situação geografica, a sua tradição e a aspiração, que mantém, de entrar no concerto das grandes potencias, não lhe permetiam igualmente resolver o grave problema da sua organização militar do modo como o fizera a Suíça.

No conflicto de interesses tão antagonicos, a Junta optou por uma solução intermediaria, tomando para exemplo o procedimento seguido pelas nações balcanicas, e designadamente pela Bulgaria, a qual, na paz, conserva reduzido numero de unidades permanentes, e na guerra eleva os seus efectivos a meio milhão de homens, cifra que, dada a sua densidade de população, atinge as proporções do assombroso.

Animada do mais puro patriotismo, sem jámais perder de vista os recursos do Tesouro, as formosas tradições nacionais e a situação geografica, comprimindo as fantasias inexequíveis, ficou assente por aquela corporação, como base fundamental, que se deveria evitar que o exercito a constituir se tornasse, como o actual, uma ficção de exercito permanente. Para o conseguir, deveria estar bem relacionado o numero de unidades permanentes com o numero de praças, que o orçamento permita manter na actividade do serviço, completando aquelas com simples quadros de outras unidades, sabiamente calculada a proporção, de modo que, chegado o momento da guerra, o conjunto de umas e outras unidades apresentem o efectivo de 700.000 homens, constituindo tres exercitos: 1.^a e 2.^a linhas e territorial.

Devemos prevenir o leitor de que estamos seguindo fielmente o trabalho aludido, evitando introduzir-lhe, quanto possível, reflexões proprias, por entender ser este o processo mais conveniente para conseguir o fim, a que alvejamos.

O pensamento organico, a que precedentemente se fez referencia, deveria ser desenvolvido, de modo a poder satisfazer as seguintes exigencias:

I. Possibilidade de mobilizar rapidamente um nucleo de tropas de primeiro choque, que atinja de 200 a 250.000 homens, e com o qual se possa contar, sempre que seja necessa-

rio concentra-lo e transporta-lo prontamente, seja como apoio a exercitos de nação ou nações aliadas, ou para efectuar uma campanha ofensiva e rapida;

II. Contar com um exercito total mobilizado de 600 a 700.000 homens, incluidas as reservas territoriais, para poder organizar fortemente uma campanha defensiva, constituir as competentes forças de observação, guarnecer o resto do territorio alheio ao teatro de operações e provêr á defesa das costas, por modo a evitar desembarques;

III. O efectivo normal do exercito permanente dependerá dos recursos economicos do país; mas deligenciar-se-ha, reduzindo despezas menos necessarias, que ele não baixe de 135 a 140.000 homens, dos quais 50 a 55.000 destinados a Africa.

Porque tem eloquencia, e representa acentuado tino organico, reproduzimos textualmente a chave com que fecha o capitulo referente aos efectivos do exercito, o qual diz assim:— «Ha de darse preferente atención a lo substancial del ejercito; hombres, fusiles y cañones disponibles para entrar en campaña, organizando previsora y eficazmente todos los demás servicios indispensables, aunque con la modestia y economia necessarias, pues de poco servirian si no existe con efectiva realidad el ejercito propriamente dicho a que han de atender—»,

Divisão territorial

Ao tratar de fixar a divisão territorial, correspondente aos efectivos referidos, a Junta procurou subordina-la ao principio de facilitar a rapida mobilização e concentração das varias unidades de combate, sem descurar as razões geografico-estrategicas e as de tradição, chegando á conclusão que deveria ser mantida a actual divisão em oito regiões, embora modificando a sua amplitude, segundo considerações militares especiais, das quais as mais interessantes são a conveniencia de egualar quanto possivel a densidade do recrutamento dessas circunscripções, e a facilidade de comunicações, base primordial da mobilização.

Segundo a divisão territorial actual, a média do numero dos varões existentes em cada uma das regiões, no quadrienio

de 1912-1915, e a do numero de mancebos declarados soldados, foram as seguintes:

	Varões	Soldados
1. ^a região.....	1.727.371	17.921
2. ^a "	1.914.385	19.227
3. ^a "	1.443.432	17.334
4. ^a "	1.027.936	11.755
5. ^a "	691.585	7.513
6. ^a "	752.413	7.745
7. ^a "	1.001.271	8.024
8. ^a "	1.054.698	4.475

Embora a actual divisão territorial corresponda a fins estrategicos, a desigualdade apontada do numero de recrutas, que cada região proporciona, levou a Junta a modifica-la, não admitindo diferenças que alcancem, como as actuais, 12.742 mancebos, como succede nas 2.^a e 8.^a regiões.

É certo que o comando de cada região, e das tropas que a guarnece, em tempo de paz, continuará a não corresponder ao das unidades que nela se mobilizam, em tempo de guerra, sem que o Capitão General respectivo tenha a direcção das tropas, que operem no seu territorio, mas tais factos foi reconhecido não deverem impedir que sejam tomadas em consideração determinadas condições militares, politicas e geograficas, como as forças da população, subsistencias, recursos de aquartelamento, vias de comunicação e tudo quanto aconselhe á equiparação possivel, de modo a harmonizar estes diversos factores, mas sempre sem sacrificio da divisão geografico-historica.

Fronteira francesa

Segundo a actual circunscrição, existem escalonadas no sentido perpendicular á fronteira francesa tres regiões militares, facilmente concentraveis pela concorrência de vias ferreas, as quais são conservadas na reforma projectada. Mas, para que cada uma dessas regiões compreenda um dos teatros de operações, em que as condições geograficas dividem aquela grande zona fronteiriça, será desagregada da 5.^a região (Pirinéos centrais) a provincia de Navarra, passando para a 6.^a (Pi-

rinéos ocidentais), a que geograficamente pertence e da qual tudo aconselha a que militarmente também seja junta.

Mas, ficando assim a 5.^a região debilitada, porquanto as quatro provincias restantes (Saragoça, Huesca, Logroño e Soria) não proporcionam recursos suficientes para o recrutamento das duas divisões, pelo menos, que a devem guarnecer, ser-lhe-hão agregadas: as de Guadalajara, provincia unida á de Saragoça por uma via ferrea; Teruel, que além de pertencer historicamente ao antigo reino de Aragão, tem eguais ou melhores comunicações com Saragoça do que com Valencia; e Castellon, que embora pelo litoral se comunique melhor com esta, pela parte montanhosa do interior, que é a maior, se relaciona mais facilmente com o Aragão, tanto pela linha do Ebro como pelo caminho de ferro central, que está livre dos perigos de um ataque por mar.

Uma das razões, que aconselhava a que esta ultima provincia pertencesse á 5.^a região, era a de assegurar a vigilancia da costa, mas a Junta entendeu que a situação excentrica por ela occupada tornava pouco provavel um desembarque no seu litoral, ao qual, comtudo, poderiam atender as tropas da 3.^a região.

Em vista do que, as tres circunscrições militares escalonadas ao longo da fronteira francesa oferecerão, respectivamente, os seguintes caracteristicos, os quais com pequenas diferenças se equivalem;

4.^a (Pirinéos orientais): Capital Barcelona

Constituida pelas provincias de Barcelona, Lerida, Gerona e Tarragona, com a população media de 1.027.936 varões, assegurando o recrutamento annual de 11.755 mancebos.

5.^a (Pirinéos centrais): Capital Saragoça

Composta pelas provincias de Saragoça, Huesca, Logroño, Soria, Guadalajara, Teruel e Castellon, com a população média de 939.813 varões, fornecendo annualmente 10.745 recrutas.

6.^a (Pirinéos occidentais): Capital Burgos

Formada pelas provincias de Burgos, Alava, Guipúzcoa, Biscaia, Santander, Palencia e Navarra, contendo a população

média de 913.101 varões, e assegurando um recrutamento de 9.476 mancebos.

Fronteira portuguesa

Na fronteira portuguesa são actualmente quatro, e não tres como na francesa, as suas regiões lemitrofes, as quais se estendem, como aquelas, no sentido da profundidade. Estas regiões são conservadas, mas modificadas no sentido, que vamos expor.

Começando pelo norte, verifica-se que a 8.^a região abrange as provincias da Corunha, de Lugo, de Orense e de Pontevedra, com uma população de 1.054.698 varões, fornecendo 6.475 recrutas no quadrienio já referido. Este numero considera-o a Junta insufficiente para atender ás necessidades do recrutamento e mobilização das respectivas unidades, pelo que propõe que a região seja aumentada com as provincias de Lião e de Oviedo, elevando-se assim aquele contingente a 10.018 recrutas. Mas não foi sómente por este fundamento, que assim se pretendeu modificar aquela circunscricção, concorrendo igualmente para este fim outros dois de diferente natureza. O primeiro, consiste em que a configuração geografica aconselha a que as seis provincias constituam uma só região, embora as Asturias e a Galiza não tenham, por emquanto, comunicações directas, dificuldade a que obviará não só a projectada construção do caminho da costa, mas as comunicações, que se podem estabelecer por Lião. O outro fundamento é representado pela falta de recursos, que oferecem as quatro provincias galegas para o aquartelamento de duas divisões. Concorre igualmente para a aceitação da modificação proposta o facto das comunicações entre a 6.^a (Pirinéos occidentais) e a 8.^a região, assim projectada, serem boas, o que permite a facil concentração das tropas, não só sobre qualquer das fronteiras francesa ou portuguesa, como a vigilancia sobre a costa cantabrica.

A circunscricção actual da 7.^a região, correspondente ao teatro de operações comprehendido entre os rios Douro e Tejo, é formada pelas cinco provincias de Valladolid, Lião, Salamanca, Zamora e Oviedo. Em compensação de Lião e Oviedo, que passam para a 8.^a região, como ficou dito, são-lhe agregadas as provincias de Avila, Segovia e Caceres, das quais as duas primeiras se encontram em facil relação com a nossa

fronteira. E' certo que a de Caceres está separada da parte restante da região, a que fica agregada, por uma cordilheira abrupta, de difíceis comunicações, mas esta modificação ao existente torna-se indispensavel, não só pelas conveniencias do aquartelamento das tropas, mas muito especialmente pela necessidade de reforçar o actual contingente de recrutas. Assim, o numero de varões, que constituirá esta região, passará de 752.413 para 913.101 e o contingente de recrutas de 7.745 para 9.476.

A actual 1.^a região, constituida pelas nove provincias de Madrid, Segovia, Avila, Toledo, Cidade Real, Badajoz, Caceres, Guadalajara e Cuenca, dispõe da população de 1.727.371 varões, fornecendo o contingente de 17.921 recrutas. Corresponde á zona situada entre os rios Tejo e Guadiana, podendo fazer-se a concentração sobre ela, no caso de guerra, pelas linhas que seguem o curso daqueles rios, na forma que se julgue conveniente. Mas, porque as provincias de Caceres, Avila, Segovia e Guadalajara terão de ser-lhe desagregadas, as três primeiras para a 7.^a, e a ultima para a 5.^a região, oferece-se, como compensação, o adiconamento da de Jaen, entre outras razões, para elevar a 15.222 recrutas o respectivo contingente.

A 2.^a região, que a Junta considera de natureza essencialmente marítima, lemitrofe de Portugal e de Gibraltar, é constituida presentemente pelas oito provincias de Sevilha, Cordova, Huelva, Cadiz, Jáen, Granada, Málaga e Almería, dispondo da população de 1.914.385 varões, e do contingente de 19.227 recrutas. No parecer da Junta, esta região conservará seis daquelas provincias, por virtude de Jáen passar para a 1.^a, e Almería para a 3.^a, transferencia esta a que seguidamente se faz referencia. Assim, aquela população ficará reduzida a 1.454.231 varões e o contingente a 15.135 recrutas, que é quasi equivalente aos da 1.^a e 3.^a regiões.

Região intermedia

A 3.^a região, apelidada de exclusivamente marítima, pois compreenderá as quatro provincias de Valencia, Alicante, Murcia e Almería, e uma só interior, a de Albacete, possui vias de comunicação, tanto paralelas á costa como concorrentes ao

interior do país, o que lhe permite acudir prontamente ao ponto ameaçado, quer na fronteira francesa, quer na nossa.

Foi-lhe agregada a provincia de Almería, não por esta possuir tão faceis comunicações com Valencia como com Sevilha (2.^a região), mas pelos seus recursos de recrutamento compensarem os que se lhe vierem a tirar pela passagem das provincias de Teruel e Castellon, destinadas a ser encorporadas na 5.^a região. Portanto, a região a que nos referimos, que actualmente é formada das provincias de Valencia, Castellon, Alicante, Murcia, Albacete e Teruel, dispondo de 1.143.432 varões e de 17.334 recrutas, passará a ser constituída sómente pelas provincias de Valencia, Alicante, Murcia, Albacete e Almería, com 1.337.920 varões e 15.034 recrutas, contingente este equivalente aos das 1.^a e 2.^a regiões, como fizemos notar.

Recapitulando, como fizemos para a fronteira francesa, observa-se que as quatro circunscricões militares, escalonadas ao longo da fronteira portuguesa, oferecerão os característicos, que passamos a expôr:

8.^a região : capital Corunha

Constituída pelas provincias de Corunha, Lugo, Orense, Pontevedra, Oviedo e Lião, com a população media de varões 1.594.097, assegurando o recrutamento de 10.018 mancebos.

7.^a região : capital Valladolid

Composta pelas provincias de Valladolid, Zamora, Salamanca, Avila, Segovia e Caceres, com uma media de 855.468 varões, fornecendo anualmente 8.607 recrutas.

1.^a região : capital Madrid

Formada pelas provincias de Madrid, Toledo, Cuenca, Cidade Real, Badajoz e Jáen, contendo a media de 1.494.525 varões e dispondo de 15.222 recrutas.

2.^a região : capital Sevilla

Reune as provincias de Sevilla, Huelva, Cadiz, Cordova, Málaga e Granada, todas com 1.454.231 varões e o contingente de 15.135 recrutas.

Formando como que uma reserva, cujas tropas poderão ser lançadas em reforçamento das destinadas a guarnecer as fronteiras francesa ou portuguesa, segundo as exigencias da guerra, ficará a

3.^a região : capital Valencia

Compreendendo as provincias de Valencia, Alicante, Albacete, Murcia e Almería, com a totalidade de 1,337.920 varões, fornecendo o contingente de 15.034 recrutas.

Não parece despropositado reunir agora num quadro unico a totalidade de recursos em homens com que a reorganização militar projectada procura auxiliar as operações militares, que por ventura venham a ocorrer em alguma das duas fronteiras terrestres do país. E' possivel que os competentes deduzam desse quadro conclusões, por certo interessantes, mas cuja enunciação tornaria demasiado longo este estudo, que não representa uma critica, mas simplesmente uma exposição do assunto.

Regiões militares	Fronteira francesa		Fronteira portuguesa	
	Varões	Recrutas	Varões	Recrutas
4. ^a (Barcelona).....	1.027.936	11.755		
5. ^a (Saragoça).....	939.813	10.745		
6. ^a (Burgos).....	913.101	9.476		
8. ^a (Corunha).....			1.594.097	10.018
7. ^a (Valladolid).....			855.468	8.607
1. ^a (Madrid).....			1.494.525	15.222
2. ^a (Sevilla).....			1.454.231	15.135
Total.....	2.880.850	31.966	5.398.321	48.982

Organização divisionaria

O que representa a circunscrição territorial, que fica descrita, como poder militar efectivo?

E' esta uma pergunta essencial, para que da respectiva resposta se possa deduzir seguramente a força aggressiva ou de resistencia representadas na projectada reorganização.

A Junta de Defesa nacional adoptou a organização divisionaria como base da constituição do exercito, formando assim o exercito de 1.^a linha da Peninsula 18 divisões organicas, 10 delas com efectivos permanentes e 8 em quadros, e mais 2 divisões de cavalaria independente, além das unidades de artilharia da mesma natureza, para completar a proporção de peças que tecnicamente se calcula indispensavel, e das outras unidades não affectas ás divisões.

Em tempo de paz, a organização de todos esses agrupamentos será identica ao da de guerra, estando-lhes permanentemente distribuidas as unidades das diferentes armas e os serviços, que as integram. E o material correlativo deverá subsistir sempre em completo pé de guerra, a fim de que a mobilização possa ser efectuada sem qualquer outro trabalho, que não seja o de aumentar o numero de officiais com os de complemento, e o das respectivas praças com a incorporação do numero necessario de licenceados na 1.^a e 2.^a reserva. O gado será obtido por compra e requisição.

Incidentemente devemos dizer que, a serem certas as nossas informações, o reino visinho tem adquirido durante a guerra actual uma tal quantidade de material de guerra, quer no interior, quer no exterior do país, que aquela aspiração da Junta terá imediata execução pratica. Parece que, no meado do ano findo, era a Espanha a nação que nos Estados Unidos dispunha de creditos mais consideraveis, destinados exclusivamente á aquisição de material de guerra.

As unidades, a que presentemente fizemos referencia, são destinadas exclusivamente para a guarnição da Peninsula, tendo constituição especial, quer as destinadas a Marrocos, quer aos outros pontos do dominio espanhol. Assim se procurou evitar a manutenção da actual confusão organica, que permitiu ao Estado Major Central afirmar no seu relatorio, que do — "con-

tinuo guerrear durante los ultimos cien años na ha quedado una estela ni un rastro aprovechables como base en que fundamentar la organizacion de nuestras unidades superiores" —. E, para demonstrar a verdade de tal asserção, cita o facto de, por ocasião da recente intervenção em Africa, ter havido a necessidade de desfazer a quasi totalidade do exercito peninsular. Para manter naquele territorio 70.000 homens, em pé de guerra, tornou-se indispensavel deixar os 70 ou 80.000, que ficaram na Peninsula, com material e organização tão deficientes, que tratadistas estrangeiros haviam assegurado não poderem ser mobilizados, nem no espaço de 3 meses.

Aquela alta corporação organizadora não se deteve na franqueza com que desejou aclarar perante o país a situação militar, a fim de lhe ser dado o devido remedio. E, rememorando os factos do exercito só haver tomado parte em guerras irregulares, nas quais a constituição de pequenas colunas era a pratica mais frequente, e de se haver adaptado sistematicamente a organização ao pessoal disponivel, invertendo assim os termos do problema organico, assevera que deles resultára só haver sido praticada no exercito a tactica de batalhão, esquadrão ou bataria.

Demais, os faceis triunfos logrados sem o emprego dos meios modernos do combate, haviam produzido a adulteração das aptidões de comando e uma quasi desmoralização, perigosa para exercitos, que aspiram a estar aptos para a guerra em grande escala.

Nas francas e terminantes asseverações, que deixamos fielmente trasladadas, encontrará o leitor, talvez, uma explicação mais suasoria da atitude de neutralidade guardada pelo reino vizinho durante a actual conflagração europeia, do que nas explanações encutidas pelos seus órgãos diplomaticos e governamentais. E o Estado Maior Central, pondo a questão tão nitidamente, deu assim testemunho evidente, de que tinha a mais clara intuição das responsabilidades, que a sua restauração lhe havia acarretado. A lição é digna da maior ponderação.

Foi nos exemplos já oferecidos pela actual guerra, que se baseou a projectada organização das divisões. Entre os varios tipos destas, adoptados pelos exercitos beligerantes, o organizador teve que flutuar na sua primeira impressão, porquanto reconhecera notavel variedade na constituição, quer das di-

visões componentes de corpos de exercito, quer das independentes, havendo-as: com uma, duas ou três brigadas de infantaria; com uma proporção de artilharia que chega a alcançar 16 peças por 1:000 homens, enquanto outras a não possuem; umas dotadas com um batalhão de sapadores, outras sem tropas desta classe, e ainda com cavalaria ou sem ela.

Uma observação mais detida levou á conclusão, porém, que o character da actual guerra, vário no seu conjunto, embora uniforme em cada teatro de operações, exercêra influencia na estructura das tropas, que nelas operam. Como consequencia de tal modo de vêr, ficou assente que o tipo a adoptar fosse constituido por modo a ter em si proprio os elementos para o combate; com a elasticidade suficiente para se poder especializar facilmente, mediante a modificação dos seus elementos; forte, sem ser pesado; agil sem debilidade, e, sobretudo, satisfazendo á condição peremptoria de ser, durante a paz, escola do comando. Para o conseguir, deverão as unidades de natureza permanente conservar: 100 espingardas por companhia; 120 cavalos por esquadrão e 4 ou 6 peças e 80 ou 100 homens por bateria.

Serviu de base para a projectada estructura da divisão a quantidade de infantaria, que nela deveria entrar. Não se contestou que mais vantajosa, talvez, podesse ser a de três brigadas a três regimentos ou ainda a de duas brigadas a três regimentos, mas assentou-se em propôr para a referida estructura a de duas brigadas a dois regimentos de três batalhões, porque, aumentando o numero de praças, deveriam crescer proporcionalmente os restantes elementos da divisão, tornando-se esta, portanto, embora mais forte, demasiado pesada, desaparecendo assim uma das principais vantagens da organização divisionaria. Demais, as vantagens tácticas, as mais importantes das oferecidas pelo tipo ternario, são egualmente obtidas com a estructura proposta para o regimento.

Na cavalaria assentou-se em que bastariam dois esquadrões para a divisão, por ser caso excepcional a apresentação isolada desta unidade. Constituidos os exercitos, a eles se deverão agregar, porém, grandes nuclios independentes, pelo que se entendeu dever ser dada preponderancia á cavalaria divisionaria.

A dotação da artilharia fez-se na proporção que o numero de peças deve guardar para o de espingardas, que compõem

a divisão, sendo classificada de ligeira e pesada, guardando entre ambas a relação que, sem atender a casos particulares que originariam exageros, parece deduzir-se da guerra actual.

Com respeito a tropas de sapadores, porque se não pretendia organizar uma divisão especialista, como as que existem nos exercitos beligerantes, de natureza circunstancial pelo character que a guerra tem tomado, entendeu-se que bastaria constitui-las com duas companhias.

O serviço de telegratos ficará assegurado com uma companhia, excluindo-se desta a radiotelegrafia, por se entender existirem nos elementos da dita companhia os recursos necessários para assegurar as comunicações entre as distintas fracções da divisão e desta com as unidades analogas da frente e da rectaguarda. Demais, a experiencia demonstrou que o uso de grande numero de estações de radiotelegrafia tem graves inconvenientes, pelo que se chegou á conclusão de que elas só devem estar affectas aos quartéis generais superiores á divisão e ás unidades separadas por grandes distancias.

A dotação dos corpos de Intendencia e Saude foi fixada em relação ao efectivo da divisão, com os recursos que permitam os competentes desdobramentos em tempo de guerra.

Como recapitulação geral da precedente exposição, diremos, que, das oito regiões em que se divide a Peninsula, as 4.^a e 5.^a (fronteira francesa), e as 2.^a, 7.^a e 8.^a (fronteira portuguesa), bem como a 3.^a (reserva), serão constituídas, durante a paz, com uma divisão activa e outra em quadros e as 1.^a (fronteira portuguesa) e 6.^a (fronteira francesa) com duas divisões activas e uma em quadros.

Cada uma das divisões activas constará de: 4 regimentos de infantaria, a 3 batalhões, formando 2 brigadas; dois esquadrões de cavalaria; 1 regimento de 3 grupos a 3 batarias de artilharia ligeira de campanha (canhões de 7,5); um grupo de 3 batarias de artilharia pesada (obuses de 15, morteiros de 15 e canhões de 12); 2 companhias de sapadores; 1 companhia de telegrafos; 1 secção de iluminação; 1 parque movel de munições; 1 parque de engenharia com trem de pontes de vanguarda; 1 padaria; 2 companhias de subsistencias; 1 ambulancia divisionaria; 1 hospital de campanha e 1 columna de evacuação de feridos e enfermos.

Vai já longo este artigo, e não desejamos fatigar a atenção

do benevolo leitor, para que assim ele possa meditar devidamente no processo seguido na obra da reconstituição do exercito espanhol, salientando o cuidado que a Junta de Defesa Nacional e o Estado Maior Central tiveram em se não deixarem enlevar e prender pelas mais puras doutrinas organicas ou sectaristas, que as circunstancias de cada país por vezes torna perigosas e utópicas para a solida constituição da defesa nacional. Sem deixarem de as ter presentes, aquelas corporações organizadoras amoldaram, porém, as suas aspirações aos exemplos oferecidos pela guerra actual e, sobretudo, ás circunstancias do país, de modo a respeitar devidamente a já citada asseveração de Horacio, que fez considerar como meros devaneios legislativos as reformas que não são fundadas nos usos, nos costumes e nas circunstancias peculiares dos povos.

General MORAES SARMENTO.



De como uma nação que deseja a cooperação de outras na guerra procura que essa cooperação se torne efectiva e honrosa para quem a presta

São curiosas, sob muitos pontos de vista, as informações contidas no n.º 12 do ano findo da *Revue Militaire Suisse*, as quais vamos extratar, e que bem mostram o esforço enorme realizado pela França para pôr os exercitos da Russia, Italia, Servia e Romania em condições de cooperarem duma maneira eficás com a França e Inglaterra na actual guerra.

Aquelas nações procuravam aumentar a sua potencia militar; mas a falta de material moderno, o pouco conhecimento que tinham os seus quadros desse material, tanto para fabrica-lo, como para emprega-lo, criavam-lhes dificuldades quasi insuperáveis.

Ir para a guerra sem um poderoso e abundante material moderno, sem a instrução necessaria para tirar desse material todo o seu rendimento, seria uma insensata temeridade.

Por outro lado a França e a Inglaterra queriam que a cooperação das nações aliadas fosse, não só eficás, mas honrosa para as duas partes cooparticipantes.

Daí o esforço enorme feito pela Inglaterra, e mais especialmente pela França, para prestar o mais intensivo auxilio ás nações aliadas.

A França, apesar da ocupação da parte mais industrial do seu territorio pelos invasores, o que lhe causava serios embaraços para satisfazer ás necessidades dos seus exercitos, procurou comtudo fornecer ás nações aliadas o material e o pessoal tecnico que a elas faltava.

Vejamos, pois, o que a França tem fornecido ás nações aliadas no decurso da guerra.

A' *Russia* forneceu abundante material de guerra e enviou tecnicos e maquinas para organisarem as instalações necessarias para intensificar a produção nacional.

Até outubro passado a França tinha remetido para a Rus-

sia mais de 600.000 espingardas e uns 300 milhões de cartuchos; milhões de projecteis de artilharia; um consideravel numero de metralhadoras, espingardas-metralhadoras e pistola, com as competentes munições; milhares de granadas de mãos mais de 100 peças de 9 cm.; 500 tubos para peças de 3 polegadas; centenas de morteiros e peças de grosso calibre; peças de artilharia para o tiro contra aviões; modelos das mais recentes peças de trincheira.

Centenas de aeroplanos e milhares de motores para os mesmos teem tambem sido enviados e os tecnicos necessarios para ensinarem os processos fotograficos e a maneira de determinar os elementos de tiro da artilharia. Mais de 1.600 autocamiões, sendo um grande numero destinados a transporte de feridos e a auto-ambulancias, assim como uns 140 autos de turismo.

Ainda foram expedidos para a Russia numerosos projectores e maquinas diversas.

Emfim, a França durante muito tempo remetia mensalmente material que pesava mais de 16.000 toneladas, tendo um volume superior a 20.000 metros cubicos.

O transporte deste numeroso material foi efectuado em navios franceses e ingleses.

Para receber o material estava em Arkangel uma *missão* francesa, que o examinava á chegada e o reexpedia para diferentes pontos do interior da Russia. Esta mesma missão colaborou nas transformações que se efectuaram no porto de Arkangel.

Numerosos engenheiros e construtores franceses foram á Russia dirigir a montagem de maquinas nas fabricas de armas e munições, sendo a mais importante destas missões a dirigida pelo coronel Pyot, que procedeu ás instalações das importantes fabricas de Petrogrado, Moscou e Donetz. A fabrica Singer (de maquinas de costura) de Moscou poude ser transformada em fabrica de espoletas.

A fabrica de Moscou para carregamento de granadas em breve poude produzir diariamente 25.000 projecteis para a artilharia de campanha. Uns 22 officiais franceses tecnicos e especialistas e 236 sargentos e soldados estão dirigindo o fabrico, ou são chefes de oficinas em diversas fabricas.

Uma outra missão foi encarregada de organizar o serviço

radio-telegrafico e obter o material necessario; uma outra foi ministrar a instrução nas unidades de metralhadoras; e ainda outra reorganizou o serviço e os meios de transporte no territorio russo.

—A *Italia*, apesar do seu intenso esforço de preparação para a guerra, que a obrigou a demorar a sua entrada em acção, teve ainda de recorrer ao auxilio da França, que lhe forneceu não só carvão, mas aços especiais, indo até uma missão de engenheiros franceses á Italia ensinar os processos de fabrico de certos aços.

A França enviou-lhe tambem muitas peças de grande calibre e as competentes munições; mais de 100 morteiros, mais de 600.000 granadas, mais de 500.000 capacetes metalicos e 40.000 escudos de trincheira, centenas de toneladas de aluminio e de produtos quimicos, uma porção consideravel de material de aviação, e até uma esquadrilha de caça, destinada a defender Veneza dos aviões austriacos.

Em compensação, a Italia tem fornecido á França automoveis, produtos alimentares, materias textis e tem permitido que numerosos operarios italianos, que se empregavam nas fabricas francesas antes da entrada daquela nação na guerra, aí se conservem.

—A *Servia* tem tambem sido com o auxilio da França que há reconstituído o seu exercito, desorganizado pelas derrotas e pela martiriologica retirada atravez da Albania.

Em primeiro lugar a França organisou em Corfú numerosas instalações hospitalares, dotando-as com o material necessario e grande numero de medicos, enfermeiros e enfermeiras, a fim de atenderem á enorme quantidade de doentes servios.

Depois efectuou para a Chalcidica o transporte de 150.000 homens, 40.000 solipedes e 5.500 viaturas, o que representa mais de 100.000 metros cubicos de material. Foram necessarias 76 viagens para a realização desses transportes.

Na reorganização do exercito e na sua instrução colaborou eficazmente a missão francesa do general Mondesir, que depois foi substituído pelo coronel Douchy.

Ao mesmo tempo missões de officiais servios do estado maior e de artilharia iam a França aprender os ensinamentos da guerra.

Foi a França que forneceu o armamento e as munições, que foram expedidas dos portos de Cette, Marselha e Toulon, e com que se armaram as seis divisões organisadas na Chalcidica. Foram enviadas 100.000 espingardas, centenas de metralhadoras, consideravel numero de peças de campanha e de montanha, artilharia pesada, material sanitario, material telegrafico e telefonico, etc. O serviço aeronautico foi tambem constituido com material francês e com pessoal.

Os transportes seguiam por verdadeiros canais, que previamente os draga-minas iam limpando, e tudo isto se fez sem incidente de maior.

O reabastecimento de viveres e fardamentos foi realizado com o concurso da Inglaterra.

— Se enorme foi o esforço da França em fornecer material á Russia, á Italia e á Servia, não menor foi o que realisou para prover o exercito da *Romania*, do material moderno de que estava desprovido ao entrar em luta contra os exercitos austro-alemães.

Logo a seguir á declaração de guerra enviou a esta nova aliada 100.000 espingardas com 80 milhões de cartuchos, continuando a manter um fornecimento mensal de 10.000 espingardas.

A seguir remeteu-lhe mais de 1.000 metralhadoras e respectivas munições, mais de um milhão de granadas de mão, numerosas peças de campanha e de grosso calibre, morteiros de trincheira, munições para peças de 10,5 cm., de 15 cm. e de 21 cm.

Para que as fabricas romaicas pudessem aumentar a produção de munições de infantaria e fabricar projecteis de artilharia, teve a França de fornecer uma grande parte das materias primas, como foram 100 toneladas de latão para cartuchos, 500 toneladas de tolite, 150 toneladas de polvora negra, 2.300 toneladas de polvora quimica, 200 toneladas de dinamite, 100 toneladas de aço especial para ferramentas, 500 toneladas de aço por mês para o fabrico de granadas de 10,5 cm., e bem assim numerosas maquinas que foram instaladas nas fabricas de polvora, de explosivos e de munições.

Abundante tem tambem sido o material telegrafico e telefonico fornecido, assim como material rádio-telegrafico.

Não parou aqui o fornecimento de material. Mais de 400

projectores de diversos calibres, mais de 4.500 toneladas de fio barbelado, numerosos auto-projectores, auto-peças, auto-camiões, mais de 200 aviões e a materia prima para o fabrico de mais 100 aparelhos. O material sanitario fornecido foi tambem abundante, incluindo aparelhos para esterilização das aguas, para desinfecções, para duches, etc.

As fabricas francesas tem enviado 200.000 capacetes, 500.000 mascaras e 5.200 aparelhos para os gazes asfixiantes.

Durante os meses de setembro e outubro de 1916 a França enviou á Romania mais de 5.000 toneladas de material.

Este material tem sido enviado á Russia, sendo depois transportado pelas linhas ferreas desta nação, mediante um serviço combinado com as companhias romaicas.

Para ministrar a instrução ás tropas do exercito romaico, especialmente aos seus quadros, de modo a poderem defrontar-se com os austro-alemães, uma missão francesa, sob a direcção do general Berthelot, foi ali enviada, a qual foi depois reforçada ainda com uns 200 officiais e perto de 300 praças graduadas. O exercito romaico, porém, não estava preparado para empregar com proveito um material que pouco conhecia, e não é nalgumas semanas, ou mesmo meses, que um exercito se improvisa, principalmente quando não está dotado de todo o numeroso e complexo material com que são providos os exercitos modernos.

O valor não supre a indispensavel e necessaria preparação. Era de prever um desastre.

Em resumo, a França tem prestado os maiores auxilios aos países que se tem tornado aliados, procurando valorizar os desejos de cooperação que tem mostrado, não regateando, nem dinheiro, nem material, nem pessoal tecnico.

Desde o começo das hostilidades até 1 de novembro de 1916 a França tem fornecido a essas nações:

- 30 % do seu fabrico total em espingardas;
- 22 % dos cartuchos para espingarda e metralhadoras;
- 20 % das granadas de campanha;
- 20 % das granadas de grosso calibre;
- 13 % dos morteiros de trincheira;
- 27,5 % das granadas de mão;
- 10 % das mascaras contra os gazes asfixiantes;
- 8 % da polvora;

5.º dos explosivos.

Tal é, pois, a soma de energia desenvolvida e que a França tem em parte distribuido pelas nações que ela tem julgado em condições de lhe prestar uma cooperação de importancia.

A esta simples resenha que acabamos de fazer, muitas considerações haveria a acrescentar, muito há que meditar, e cada um tirará as lições que o seu criterio lhe sugerir.

C.



GRANADA DE MÃO

Projecto para organização das secções de granadeiros e instrucção para o emprego da granada de mão—typo tenente Escobar.

Secção de granadeiros

Cada regimento de infantaria terá uma secção de granadeiros.

A secção será constituída por 30 homens, sendo um 2.º tenente comandante, um 2.º sargento granadeiro, auxiliar, 2 conductores e 24 granadeiros.

A secção de granadeiros fará parte do estado menor do regimento.

Cada granadeiro será municiado com 6 granadas de mão, que serão conduzidas no cinturão porta-granadas.

Além destas granadas, a secção será dotada com mais 96 outras de sobressalente, que serão transportadas em cangalhas, por uma muar.

Todos os homens da secção de granadeiros serão armados, para defesa individual, com a pistola Parabellum.

Instrucções para o emprego da granada de mão

MANEJO—Tendo a *pulseira* no pulso direito, com ambas as mãos o granadeiro tira a granada do respectivo *porta* e segurando-a pela parte inferior do seu *bojo* com a mão esquerda, com a direita desatarracha o *tapa* estopilha, retirando-o ao longo do cabo.

O primeiro *tapa* estopilha será guardado na bolsa *porta-pulseira* e os demais serão jogados fóra.

Uma vez feita esta operação, segurando com a mão direita

a *presilha* da *corrente* da pulseira, engastará o aro da *estopilha* na mesma *presilha*.

Feito isto, o granadeiro empunha a granada pelo *cabo*, deixando a mão esquerda livre. Para lançamento d'ella o granadeiro tendo o pé esquerdo á frente, com as pernas ligeiramente abertas, por um movimento de oscillação do corpo dará um impulso violento á granada, para cima e para a frente, retirando bruscamente o braço, depois de saltar a granada na direcção do alvo.

Depois, deita-se rapidamente, até que se produza a explosão, preparando em seguida nova granada afim de ser lançada no ponto onde maior numero de adversarios se agglomerar, devendo ter o cuidado de aproveitar a confusão e oportunidade para maior damno causar nas fileiras inimigas, evitando no entretanto attingir os camaradas que avançam ou que occupam a posição conquistada.

Quando o granadeiro lançar a granada para dentro de uma trincheira, ou para traz de um muro, ou finalmente para além de um obstaculo e supondo-se seguro de não ser attingido por estilhaços, não terá necessidade de se deitar.

No caso de já não ter necessidade de se utilizar da granada preparada para ser lançada, depois de desprender o aro da *presilha* da *corrente*, com o *tapa-estopilhas* de sobresalente atarrachará na granada, collocando-a em seguida no porta-granadas *vasio*.

Na bolsa porta pulseira levará o granadeiro um pequeno alicate, do qual lançará mão para cortar os aros das *estopilhas* das granadas que estiverem em seu poder e inutilisar a *presilha* da *corrente*, no caso de se achar ferido sem poder caminhar, ou quando fique em risco de ser prisioneiro.

Deverá ter o cuidado de esvasiar os portagranadas alternadamente, da direita e da esquerda, afim de não desequilibrar o peso sobre o corpo e facilitar o lançamento da granada.

E' dever de qualquer granadeiro recolher as granadas que encontrar em poder dos companheiros mortos ou feridos, salvo as que já foram inutilisadas por meio do alicate.

Emprego tactico da granada de mão

Attendendo sobretudo ao grande effeito moral desmoralizador que a granada de mão causa nas fileiras inimigas, o pessoal destinado ao seu lançamento deve estar seguro do seu manejo e couhecer os diversos casos tacticos em que a sua applicação possa ter logar.

No emprego da granada de mão ha a considerar os seguintes casos:

- I—Nas marchas de guerra e guardas avançadas.
- II—No combate offensivo.
- III—No combate defensivo.
- IV—Nas guerrilhas e emboscadas.
- V—Nos combates nocturnos.

Marchas de guerra

Nas marchas de guerra ao commandante da vanguarda compete fixar a collocação da secção de granadeiros, que nunca deverá ficar na cauda da columna.

A natureza do terreno e o fim em vista determinarão o seu logar na columna.

No grosso da vanguarda a secção de granadeiros estará mais á mão do chefe e em condições de cumprir rapidamente as suas ordens.

Conforme a situação, a secção de granadeiros podera actuar em conjuncto ou ser subdividida pelas unidades tacticas que forem lançadas contra as linhas inimigas.

Uma vez estabelecido o contacto entre as duas forças adversas, o commandante da secção deverá permianecer junto ao commandante da columna, prompto a actuar em toda a secção ou subdividil-a e lançal-a na *zona da morte*, afim de quebrar a resistencia que o inimigo possa oppor á infantaria.

A secção de granadeiros ao receber ordem de marchar re-sojuta e impavidamente, não procurando verificar a possibilidade ou impossibilidade de avançar; applicando a regra das marchas rastejantes e aproveitando todas as coberturas que encontrar, ora unindo-se, quando fôr possível, ora dispersando-se, mas com um unico e firme proposito de attingir o ini-

migo, procurará a todo o transe abordal-o para lançar-lhe o terror e a morte.

Aberta a brécha e desorganizado o inimigo, a infantaria completará a obra dos granadeiros e estes, passando para a rectaguarda, reorganisar-se-hão de novo, para executar nova ordem.

Combate ofensivo

Não obstante a necessidade da collocação da secção de granadeiros no grosso da vanguarda, pelas razões acima apresentadas, será de grande vantagem incorporar muitas vezes alguns granadeiros na ponta da columna.

Nas ultimas campanhas tornou-se manifesta a necessidade de, em certos casos augmentar-se a capacidade de acção dos escalões da vanguarda, principalmente nas marehas offensivas. quando se procura conquistar pontos de apoio; nestas condições os granadeiros augmentam extraordinariamente o valor das avançadas de infantaria.

Violentamente obrigarão o inimigo a recuar e desenvolver as suas forças, principalmente na saída de um desfiladeiro ou quando se consegue surgir em um ponto importante de suas posições.

Não é raro ter a vanguarda necessidade de se aproximar e mesmo abordar as posições inimigas para fazer um reconhecimento; sendo, assim terá necessidade de atacar e occupar seus postos avançados.

Nestas operações os granadeiros poderão prestar serviços excepçionaes, porque pelo terror que causam as granadas de mão, os pequenos destacamentos serão forçados a offerecer fraca resistencia e serão atirados de encontro ás suas forças, occasião essa muito opportuna para os granadeiros procederem ainda com maior vantagem.

Numa acção desta natureza a secção de granadeiros terá que actuar fraccionada para conquista de pontos de apoio ou para occupal-os antes do inimigo.

O seu funcionamento será determinado pelo chefe da columna.

Nas marchas para conquista de posições, os granadeiros ganharão terreno para a frente, marchando á rectaguarda da linha de atiradores e lançarão as granadas por cima da linha

no momento que precede o assalto á bayoneta, ou passando para a frente farão explodir as granadas, retirando-se para a rectaguarda da linha ou deitando-se para deixar o campo livre á infantaria.

Compreende-se qual o gráo de audacia e desprendimento pela vida, a energia e educação physica e o apuro de instrução que deverão possuir os granadeiros para que possam attingir esse resultado.

As explosões atroadoras destes pequenos projectis, as feridas tremendas produzidas pelo nosso typo de granada e a surpresa que sempre causam os ataques dos granadeiros, estabelecem profundo terror aos mais calmos e bravos combatentes e inevitavel confusão em suas fileiras.

Em face dos ultimos exemplos das campanhas da Mandchuria, de Tripoli, dos Balkans, de Marrocas e agora, na grande guerra, temos a certeza que, uma vez conseguido se vencer as difficuldades para se attingir as posições inimigas, a tropa que dispuzer desse terrivel elemento de destruição, terá garantida a recompensa dos seus sacrificios.

Alcançado o objectivo, os granadeiros pracurarão de *motu proprio* reunir-se de novo á rectaguarda dos escalões ainda não empenhados directamente na acção, para repetir o golpe de audacia em ouiro ponto onde seja mistér o seu sacrificio e o seu exemplo de bravura e de superioridade moral, ou conservar-se-ão na posição afim de repellir qualquer retorno que seja tentado.

A batalha não é mais que uma serie de combates parciaes desenrolados em toda a extensão da linha occupada pelas tropas em acção; na marcha offensiva a infantaria aproveitando os accidentes do terreno procura infiltrar-se afim de, mais rapidamente possivel, cobrindo-se do effeito dos fogos, attingir o objectivo que tem em vista.

Não dispondo os granadeiros do meio que a infantaria possui para cobrir a sua marcha, isto é, não dispondo do fogo de fusilaria, pracurarão approximar-se do inimigo, marchando á rectaguarda da linha de atiradores, protegidos exclusivamente pelo terreno; nestas condições, mais que a infantaria, necessitam os granadeiros saber tirar todo o proveito da irregularidade topographica da zona de combate.

Em geral, até á distancia de 300 ou 400 metros, será possi

vel manter a secção de granadeiros a sua invisibilidade, se fizer uma marcha para frente a rigorosamente rastejante, sem se denunciar.

Mas á medida que a distancia diminue, mais melindrosa se torna a acção destes voluntarios da morte, que terão de vencer uma dupla luta para attingir a posição donde possam lançar as granadas — avançar e cobrir, sem o que todo o sacrificio será nullo.

Para a travessia nessa zona chamada *zona da morte*, só um meio é indicado, mesmo nos terrenos cobertos — é, por lanços acompanhar em marçga rastejante a linha de infantaria, até onde fôr possível, devendo o intervallo da linha de granadeiros ser augmentado á medida que se approximar da linha inimiga, de modo a apresentar uma frente igual á frente de combate.

Tendo o inimigo á distancia de 30 ou 50 metros, os granadeiros terão que estar descobertos, e, nesse momento supremo, é que se poderá avaliar qual o gráo de instrucção que necessitam esses combatentes para que, fóra da acção do chefe, possam proceder por iniciativa propria.

Attingidas as linhas inimigas, quando a frente está desembaraçada das defezas accessorias, os granadeiros, avançando com as tropas de assalto, entre 30 ou 50 metros das trincheiras ou da linha occupada pelo adversario, arremessarão as granadas; a infantaria aproveitará o effeito e a desorganisação do inimigo, para dar o assalto á bayoneta.

Quando o inimigo occupar muros, as granadas deverão ser lançadas pela parte superior, bem altas, para se obter uma quéda com um grande angulo, de modo a attingir os defensores que estão á sua rectaguarda.

Quando o inimigo occupar a orla de um bosque é mistér lançar-as bem altas para que possam passar entre os ramos.

Combate defensivo

E' justamente na defensiva que a granada de mão póde prestar os mais assignalados serviços, quebrando a cohesão do inimigo no momento decisivo do assalto.

O valor dos postos avançados, em virtude do seu pequeno effectivo é muito augmentado quando a elles são incorpora-

dos alguns granadeiros, que, no caso de assalto, poderão, protegidos pelo terreno, sem os perigos e as difficuldades que offerece o combate offensivo, inutilisar o esforço supremo do atacante.

Quando os granadeiros occuparem trincheiras e na frente destas existirem obras de defezas accessorias, mais facil se torna o emprego das granadas, devendo os defensores aproveitarem a occasião em que os atacantes se agglomeram em torno das passagens abertas pelos sapadores.

Nas passagens obrigatorias e desfiladeiros, quando os granadeiros occupam posição dominante e pódem occultar-se até que o adversario se approxime á distancia de 30 ou 50 metros, ás vezes não necessitarão de auxilio da infantaria para dizimarem as columnas.

Nos combates de localidades, as mesmas regras applicaveis á offensiva convêm á defensiva.

Ataque e defesa das praças

No ataque das praças fortes, a granada de mão tem tido ultimamente largo emprego.

O exito alcançado pelos japonezes nos assaltos ás obras de defeza de Porto Arthur, foi devido ao emprego das granadas de mão.

Depois de aberta a brécha, para quebrar a ultima resistencia dos defensores, a granada de mão tem effeito decisivo, espalhando a destruição e o terror entre os mais encarniçados defensores de uma posição.

Maior e mais segura applicação tem a granada de mão na defeza das praças fortes; ahi é que ella tem justamente o maximo de valor e actua poderosamente.

E' ella empregada para bater os angulos mortos na defeza dos fossos, no assalto ás bréchas e para repellir o inimigo quando este consegue entrincheirar-se nas proximidades das obras de defeza, convindo ainda o seu emprego, de modo seguro, para as sortidas offensivas que tenham por fim repellir os sapadores quauda destroem as obras de defeza accessorias, ou constroem obras ao pé da posição fortificada.

Na campanha da Mandchuria encontrámos numerosos

exemplos em que só a granada de mão conseguiu deter furiosos assaltos ás obras de fortificação.

Citaremos os seguintes: — No terrível assalto de 4 de março de 1904, ao reducto de Hulaotun, em Puttilof, onde os japonezes só conseguiram deter as terríveis cargas russas quando empregaram granadas de mão. No assalto ás formidáveis posições de Hachina-kiyama, em 23 de fevereiro do mesmo anno, cuja posse os japonezes só conseguiram com o emprego de granadas de mão, depois de innumeras, infrutíferas e mortíferas tentativas.

Vejamos o que disse uma testemunha ocular de um dos mais tremendos combates da batalha de Mukden.

«Na noite de 3 de Março, ás 10 horas, antes do nascer da lua, os Russos desceram em massa compacta para reconquistar as primeiras trincheiras occupadas na noite anterior pelo 4.º Regimento de Infantaria da Guarda Imperial, em Haoshunmuputsu.

Os japonezes não possuíam mais reservas; todas as tropas disponiveis haviam sido empregadas em preencher os claros da vespera.

Nada detinha o inimigo; o rumor de seus passos sobre o terreno gelado resoava como o ribombo de uma cataracta, cada vez mais proximo e a fuzilaria não conseguia abafal-o.

O general Watanale estava entre os soldados animando-os a resistir.

Os lampejos da fuzilaria mostravam as linhas russas.

Eis que elles chegavam a poucos passos.

Os japonezes saltam para fóra das trincheiras e dá-se o choque tremendo no meio de uma enorme confusão e gritos infernaes e os russos são repellidos á bayoneta.

Mas, duas, tres, onze vezes, as linhas russas depois de refeitas e reforçadas, renovam os assaltos cada vez com maior furor.

O massacre é horrível.

Era insustentavel a posição japoneza e no ultimo embate, quando os russos se approximavam a 20 passos das trincheiras, os japonezes cessam o fogo, como por emquanto passando uns aos outros a mécha accessa para as granadas de mão, as quaes foram lançadas sobre aquella indomavel onda humana.

Ouviu-se um urro formidavel. Com as detonações casavam-se os gritos tremendos de dôr.

Os assaltantes detem-se, oscillam, desorganizam-se e são finalmente repellidos”.

Guerrilhas e emboscadas

Nas guerrilhas e emboscadas as granadas de mão constituem um elemento de primeira ordem para augmentar o valor do partido combatente que as possui, em virtude de, nestas pequenas operações militares, serem sempre os effectivos muito reduzidos.

Nas guerrilhas, tanto na offensiva como na defensiva, tem plena applicação o que dissemos para o combate offensivo ou defensivo.

Nos encontros nos bosques ou valles onde difficilmente a infantaria regular poderá actuar contra tropas irregulares, como tem succedido nas guerrilhas de Canudos e do Contestado, o emprego da granada de mão tem toda a oportunidade, sendo de poderoso effeito moral.

Ahi a infantaria atacante, acompanhada de alguns granadeiros, deverá provocar a lucta corpo a corpo de modo a obrigar a agglomeração do maior numero de combatentes.

Conseguido este resultado deve-se simular a retirada, para deixar campo livre aos granadeiros que depois de lançarem as granadas e estabelecer o panico, de novo entregarão os adversarios restantes aos bons atiradores de espingarda.

Nos frequentes ataques aos acampamentos, na pequena guerra, a granada de mão produz optimos resultados para sua defeza e melhor ainda para o ataque dos acampamentos e reductos.

Nas emboscadas as granadas de mão têm um effeito supremo: esses terriveis projecteis actuam de modo tal que, fortes columnas tornam-se impotentes quando surprehendidas por alguns granadeiros, porque o seu effeito é desmoralizador e anarchisante.

Para a emboscada, os granadeiros deverão escolher os pontos dominantes, as orlas dos bosques, encruzilhadas de estradas, com o cuidado de preparar previamente uma facil retirada.

O granadeiro deverá ser calmo, audacioso, paciente e bravo para esperar a columna avançar na estrada, nunca precipi-

tando-se em lançar as granadas na testa da columna, salvo em casos préviamente determinados.

O maior numero de granadeiros occupará o ponto correspondente ao meio da columna, outros em menor numero occuparão os pontos correspondentes á testa e á cauda da columna. Nestas condições sendo o ataque feito, por exemplo, simultaneamente na testa e na cauda, dará logar a que a tropa inopinadamente se agglomere no centro, occasião opportuna para uma secção de granadeiros audazes e inteligentes produzir os mais terriveis damnos na mais numerosa e disciplinada tropa.

Outras combinações podãrão ser feitas, mesmo com a infantaria e cavallaria.

Combates nocturnos

Nos ataques nocturnos a tropa terá probabilidade de exito quando precedida ou acompanhada de granadeiros.

No primeiro caso o seu emprego é menos perigoso para o atacante; uma vez ferido e desorganizado o adversario pelo effeito das granadas, a bayoneta completará a acção; no segundo caso os granadeiros precisam proceder com o maximo cuidado, porque corpo a corpo a lucta á bayoneta será precedida, acompanhada e seguida do lançamento de granadas, que no meio do mais terrivel effeito protegem a occupação da posição.

Durante a lucta corpo a corpo deve haver todo o cuidado, com as granadas que se arremessam por cima das cabeças dos combatentes da linha de bayonetas,

Na defeza contra um assalto nocturno o seu emprego é mais facil, porque a tropa conhece o terreno que pisa e póde quebrar o entusiasmo e a cohesão do atacante por meio da granada, recebendo-o depois de abalado, se a tanto fôr mistér, com a carga á bayoneta.

Não podemos excluir a hypothese dos dois combatentes possuirem granadas de mão; nesse caso na lucta corpo a corpo o seu emprego é delicado e extremamente perigoso, porque os granadeiros poderãrão causar graves prejuizos entre seus proprios camaradas.

A' noite o valor dos granadeiros nos postos avançados

crece, tornando a defeza desses postos relativamente facil porque os assaltantes além de soffrerem os damnos materiaes colhidos de surpresa experimentarão enorme abalo moral, sem saber de onde as granadas são lançadas, porque difficilmente o rastilho de nossa granada pode ser visto.

Alguns granadeiros voluntarios, poderão á noite trazer as mais numerosas tropas em sobresalto e continua vigilancia

(Extractado do *O Tiro*, n.º 7, do Rio de Janeiro, por R.).



Restrições á teoria do poder marítimo

Depois de alguns anos terem passado attribuindo-se a maior efficacia ao dominio do mar, estamos actualmente assistindo á mais injusta e inesperada reacção contra aquilo que, durante duas decadas, se encareceu como sendo de incontestada e decisiva influencia no bom exito da guerra marítima.

Sistematisada a teoria do poder naval pelo grande mestre da arte da guerra, que era o comandante Mahan, da marinha norte-americana, a pouco e pouco foram-se alargando os limites que rasoavelmente se lhe deviam designar e, de generalização em generalização, chegou-se a supor que seria sempre causa fundamental da victoria aquilo que simplesmente poderia ser um dos seus factores, mais ou menos importante segundo as circunstancias, mas nunca mais que um elemento de exito e que exigia o concurso de outras muitas condições para garantir o resultado favoravel da lucta.

Para melhor pôr em relevo a acção do poder marítimo ocorreu o facto singular de a maioria das guerras registadas pela historia, desde que Mahan analisou e estabeleceu a influencia daquele factor, se terem realisado em circunstancias particularmente vantajosas para evidenciar o auxilio preciosissimo, por ventura decisivo na maioria dos casos, do dominio marítimo. Efectivamente na maior parte das guerras dos nossos dias, a começar na sino-japonesa, desencadeada pouco tempo depois de ter vindo á luz da publicidade a grande obra do illustre escritor americano, até á italo-turca, em todas elas foi notavel a acção exercida pelo poder naval, porque os beligerantes se encontravam separados pelo mar e, portanto, alcançar o dominio mais ou menos absoluto daquele elemento era condição preliminar indispensavel. Esta curiosa insistencia do acaso, proporcionando tão repetidos ensejos para a applicação da teoria do poder marítimo, foi talvez a causa prima cialdas

exageradas vantagens que lhe atribuíram e dos amplísimos e injustificados limites que lhe outorgaram. A critica menos cuidadosa ou talvez menos imparcial excedeu em muito, as marcas que a boa razão aconselhava; foi por isso, naturalmente, que lhe passaram despercebidas as guerras dos Balkans, aliás é de crer que tivesse ali encontrado o necessario correctivo aos anteriores exageros.

As duas guerras balcanicas foram, entre todas as que se tem combatido há vinte anos a esta parte, aquelas em que os beligerantes se encontraram sobre fronteiras comuns no continente. Desde o primeiro momento até á conclusão do tratado de paz concentrou-se o interesse geral nas operações terrestres e a guerra decorreu sem que no mar houvesse mais que pequenas diversões. As circunstancias em que se collocou a Europa pouco depois daqueles acontecimentos, é possivel que tenham obstado a que a critica tirasse deles tódo o ensinamento que comportavam. Se ao tratado de paz tivesse seguido uma longa época de socego, é de crer se verificasse que não fora por uma simples coincidencia que aquelas duas guerras tiveram, sob o ponto de vista do dominio do mar, uma feição especial e inteiramente diferente das anteriores. Porque certo é que duas das nações envolvidas na contenda — a Grecia e a Turquia — possuíam um valor militar naval de relativa importancia, não falando já na Bulgaria e na Rumania, cuja potencia maritima era representada pela totalidade de 6.400 tons., das quais mais dum terço era constituido por monitores de rio. Portanto se duma e outra parte não aproveitaram inteiramente as unidades que constituíam as respectivas esquadras foi porque, dadas as condições especiais do conflito, o seu emprego se tornou menos recomendado ou vantajoso. Outras fossem as características geograficas daqueles países — Grecia e Turquia — e diferentes seriam tambem, provavelmente, as oportunidades de utilização das suas forças navaes.

Não se tendo feito a tempo os correctivos que a razão impunha e a experiencia aconselhava, a actual conflagração veio encontrar-nos ainda sob a influencia dos exageros de interpretação apaixonada da teoria do poder maritimo, e como nos longos meses decorridos desde que a Europa se encontra em armas, os factos não tem vindo dar confirmação material

aquilo que se esperava, a contra-corrente estabeleceu-se e ameaça atirar-nos dum extremo para o outro, dum excesso para o oposto.

E' contra a reacção, que começa a desenhar-se, que nos devemos prevenir, preparando a razão para não aceitar uma sentença iniqua. A sedução duma teoria nova — que mercê do acaso repetidas vezes se confirmára, pelo menos quando incompletamente estudada — arrastou as novas gerações de profissionais, levando-os alem do que era legitimamente realisavel; é para desejar que as primeiras impressões não os tornem a empolgar.

*

* * *

A guerra actual veio colocar a Europa em circunstancias até certo ponto identicas áquelas em que se encontraram as diversas nações dos Balkans, quando dos ultimos conflitos que ali se produziram. E' facto que presentemente se encontram envolvidos na luta, alem das potencias que teem fronteiras comuns continentais, outras que o mar separa, mas o que tambem é incontestavel é que essas mesmas vieram instalar-se no continente para aqui dirimirem a questão. A presente guerra é essencialmente continental e, nestes termos, cabe ao poder maritimo um papel mais modesto que o que lhe competiria se se tratasse duma acção entre países divididos pelo mar. Aceitando como bom o que fica exposto, ocorre, todavia, perguntar se as circunstancias de agora, absolutamente acidentais e por ventura transitorias, serão bastantes para apearem a teoria do poder maritimo do pedestal que lhe ergueu o genio de Mahan? Não ousará responder com a afirmativa quem analisar os factos serena e friamente.

E' cedo, sem duvida, para dar ao factor poder maritimo o justo valor que lhe compete no presente conflicto; entretanto o que desde já se pode diser é que sem a sua intervenção ou com orientação oposta, as coisas se teriam passado de forma absolutamente diversa. O poder maritimo não teve ainda, e quem sabe se virá a ter, uma acção tão brilhante como há um seculo, quando a Europa igualmente se debateu numa lucta que a envolvia de lado a lado, mas nem por ser mais apagada, deixou ainda de ser efficás; pode-se mesmo concordar com quem

afirma que tal factor não venha a ser um elemento completamente decisivo da vitória — nem talvez mesmo os possa haver numa tão prolongada guerra, em que todas as energias são postas á prova — o que porém não se deve deixar de reconhecer é que ele tem poderosamente servido para alimentar o esforço dos beligerantes.

De resto, quando tantos novos elementos de combate estão aparecendo quasi diariamente, quando outros se estão modificando duma maneira inesperada, manda a boa logica que não se antecipem os comentarios, nem na critica dos acontecimentos se empreguem exclusivamente os processos classicos. E' necessario aguardar o resultado final de todas as operações, que durante a guerra a censura oculta cuidadosamente, e então será acaso possível, estabelecendo discussão contraditoria, confirmar ou corrigir as apreciações hoje esboçadas.

O problema complicou-se muito de há dois anos a esta parte, porque até então bastava assenhorear-se da superficie do mar para exercer nele completo dominio; de então para cá já se não pode afirmar outro tanto. Atravessamos, sem duvida, uma época de crise, mas não assistimos á destruição da teoria que ha anos se vinha considerando como fundamental na arte da guerra marítima.

*

* *

Tudo indica, pois, que devemos estar de prevenção contra quem, tendo antes alargado para fóra dos seus naturais limites a teoria do poder naval, agora que não veem os acontecimentos encaminharem-se como imaginavam, lhes querem opôr restrições inteiramente inaceitaveis. Lembremo-nos que o poder marítimo tem sido sempre um factor de exito, variando a sua eficacia conforme as condições em que é empregado; atinge um valor maximo quando o mar separa os beligerantes e d'ele ambos precisam servir-se para estabelecer a sua linha de comunicação ou para descongestionar aquela que tenham sobre o continente, tal foi o caso dos russos e japoneses em 1904-1905; pode ser minimo quando os beligerantes são limitrofes e prescindem do mar para se rea-

bastecer, assim succedeu na guerra franco-prussiana; entre estes dois limites extremos ha uma grande escala a percorrer no seu emprego a eficacia. E' isto que se observa na presente conflagração em que o dominio do mar, sempre utilizado, ainda mais o poderá vir a ser.

Lisboa, novembro de 1916.

MATTA OLIVEIRA.



APONTAMENTOS DA GUERRA

V. — **A frente ocidental no 1.º de janeiro de 1917**

O ilustre crítico militar que assina os seus artigos diários na imprensa francesa com o nome de comandante de Civrieux, publicou recentemente uma concisa e lúcida descrição geográfica da linha de trincheiras da frente ocidental, que os nossos leitores apreciarão decerto tanto quanto nós a apreciámos. A importância que, por motivos que seria ocioso lembrar, tem para nós essa frente, onde não tardará que sejamos representados pelos nossos soldados, e os acontecimentos que só aguardam, para se desenrolarem, os primeiros rebates da primavera, se antes se não fizer a paz, dão a essa sinuosa linha, cujos contornos os croquis juntos tão bem definem, um interesse singular. Daí nos veio a ideia de resumir nas páginas da *Revista Militar* as elucidativas palavras do ilustre oficial francês.

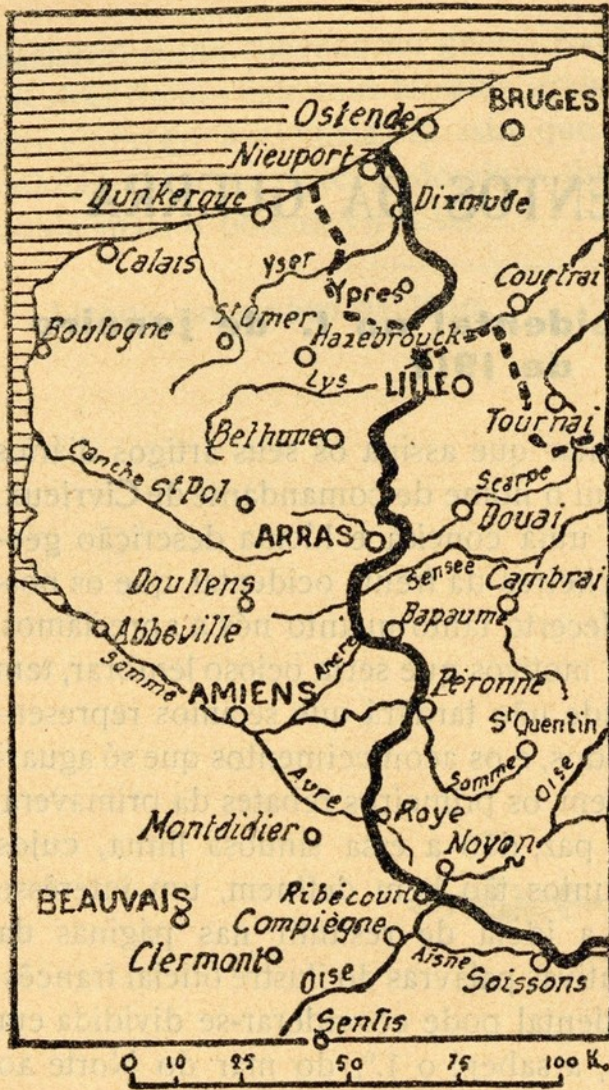
A aludida frente ocidental pode considerar-se dividida em quatro grandes sectores, a saber: o 1.º, do mar do Norte ao rio Oise; o 2.º, desde êste rio a Woevre; o 3.º, na Lorena; o 4.º, na Alsácia; sendo a orientação geral de cada um dêles, respectivamente, a leste, a norte, a nordeste e a leste.

1.º sector — Entre o mar do Norte e o Oise

A linha de batalha anglo-belga, compreendida entre o mar do Norte e o Oise, serpenteia em tórno dum eixo representado exactamente pelo meridiano Nieuport-Compiègne. Desenrolam-se de resto, as suas circumvoluções, na sua maior extensão, a leste dêsse meridiano.

Em linha recta mede entre as suas extremidades 180 quilómetros, e nos seus circuitos mais de 250. Na sua maioria é ocupada pelos exércitos britânicos, enquadrados ao norte pelo exército belga, ao sul pela ala esquerda dos exércitos franceses.





1.º SECTOR: do mar ao rio Oise

Em toda a frente ocidental, êsse vasto sector entre o mar e o Oise é aquêlê onde se travaram de forma mais seguida os mais diversos combates. Pode-se calcular que na orla de seu contôrno actual não há um único campo em que as lutas mais encarniçadas se não tivessem travado, não sómente por algumas horas, mas durante estiradas semanas, desde a batalha do Oise-Somme, em outubro de 1914.

Toda a parte setentrional dêste teatro de operações, composta pelas fertes planicies flamengas, é pouco propicia para emprezas de inverno.

Ao centro, as encostas do Artois e os planaltos da Picardia apresentam melhores condições. O mesmo sucede na região arborizada onde nasce o Avre.

No entanto é pouco provavel que acções offensivas duradouras possam ser travadas nos terrenos lamacentos e calcários, encharcados e desfeitos por chuvas persistentes, antes que o retôrno da primavera tenha tornado os campos relativamente transitaveis.

2.º sector — Do rio Oise a Woëvre

O sector geográfico da frente, compreendido entre o Oise e o Woëvre, mede aproximadamente 180 quilómetros.

No ponto de vista dos acontecimentos passados, este sector pode-se subdividir em duas partes bem distintas: uma a oeste de Reims, que só teve combates parciais e espaçados, dos quais os principais foram os que se travaram em frente de Soissons, em janeiro de 1915; outra onde se deram as duas encarniçadas batalhas da Champagne, em 1915, e do Mosa em 1916.

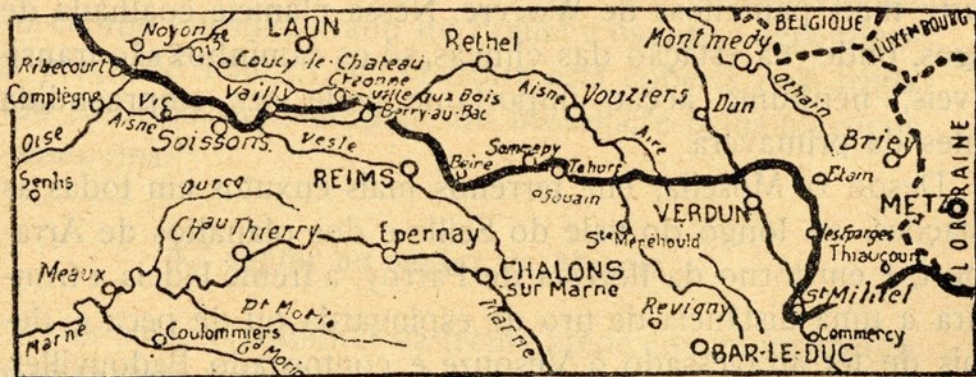
Esta compreende a planície calcária de ligeiras ondulações, onde abundam os pinhais de formas geométricas, que o Aisne limita ao oriente; mais além, o massiço do Argonne, onde o príncipe herdeiro durante tanto tempo gastou o melhor das suas tropas; enfim, o vale do Mosa, com a muralha de alturas que o separam dos paus do Woëvre.

Estas últimas regiões descreveram-se desenvolvidamente á medida que se desenrolavam os importantes acontecimentos de que foram teatro; mas o mesmo não sucedeu com a parte da frente que do sul de Noyon até ás portas de Reims permaneceu de um modo quasi constante numa calma relativa.

Desde o Oise, a frente, ligeiramente inclinada para sudeste até o Aisne, que atinge a meio caminho entre Vic e Soissons, atravessa a região, apoiada aos massiços da floresta de Laigue; passa em frente do eixo central de Coucy-le-Château por trás do qual se estende o bosque de Saint-Gobain.

A partir de Soissons a linha de batalha segue o curso do Aisne, para, a montante de Vaully, passar ao norte do rio e elevar-se ao longo do Chemin-des-Dames, por trás do planalto de Craonne, que circunda, tambem por trás, em proveito do inimigo, a posição de Laon.

Em toda essa extensão de cêrca de 70 quilómetros os francezes teem diante de si um terreno montanhoso, de vales e florestas.



2.º SECTOR: do Oise a Woëvre

Nos arredores de la Ville-aux-Bois, na região de Berry-aux-Bac, a frente do sector considerado, que, no seu conjunto, faz frente ao norte, desvia-se transitoriamente para sudeste, na direcção da parte oriental de Reims, numa extensão de uns trinta quilómetros. A parte onde êle corta o Aisne constitue um ponto saliente na direcção de Mézières.

Os combates em tórno de Soissons, há dois anos, na estação de inverno, a batalha de Champagne, também no inverno, e por último o comêço da de Verdun, que também foi na estação rigorosa, dão a esperança de operações prematuras em todo o sector cuja estrutura acabamos de descrever.

3.º sector ou sector da Lorena

O terceiro sector geográfico estende-se das posições a leste de Verdun até às da crista dos Vosges, na portela de Santa Maria das Minas.

Em vista da curva descrita pelo que se denominou picarescamente a «hernia» de Saint-Mihiel, mede em linha recta um comprimento muito aproximadamente igual ao de cada um dos dois sectores precedentes.

Ao passo que em 1914 foi teatro das grandes batalhas em frente de Nancy, junto ao Meurthe e ao Mortagne, e em 1915 das operações da Woëvre e dos combates da floresta de Le Prêtre, apenas umas escaramuças e um pequeno canhoneio perturbaram, o ano passado, o silêncio que envolveu essa parte da Lorena.

O reentrante formado pela linha no seu traçado entre a orla oriental das Alturas do Mosa e o vale do Mosella, encerra, além da região montanhosa e arborizada de Saint-Mihiel, a parte mais pantanosa de Woëvre. Nessa planície coalhada de lagos, onde, na estação das chuvas, só os caminhos são transitáveis, nenhuma acção importante pode ser empreendida antes da primavera.

Desde o Mosella, em terrenos mais enxutos em todas as estações, ao longo do vale do Seille e dos planaltos de Arracourt, e em tórno da floresta de Parroy, a frente ladeia a fronteira a uma distância de tiro de espingarda ou de peça e, depois de ter atravessado o Vesouze e contornado Badouville, num saliente oposto ao Donon, atinge os contrafortes ociden-

tais dos Vosges, na encosta do vale de La Plaine, a montante de Celles.

Depois corta esses contrafortes do noroeste a sudeste, deixando ainda Senones no poder dos inimigos, e atravessa o Bande-Sapt, que se tornou notavel por importantes combates, depois o monte d'Ormont, perto de Provenchères; em fim alcança a crista dos Vosges na portela de Santa Maria.

Daí por diante a linha alonga-se toda para além da fronteira imposta pelos alemães em 1871, quer dizer em terreno alsaciano.

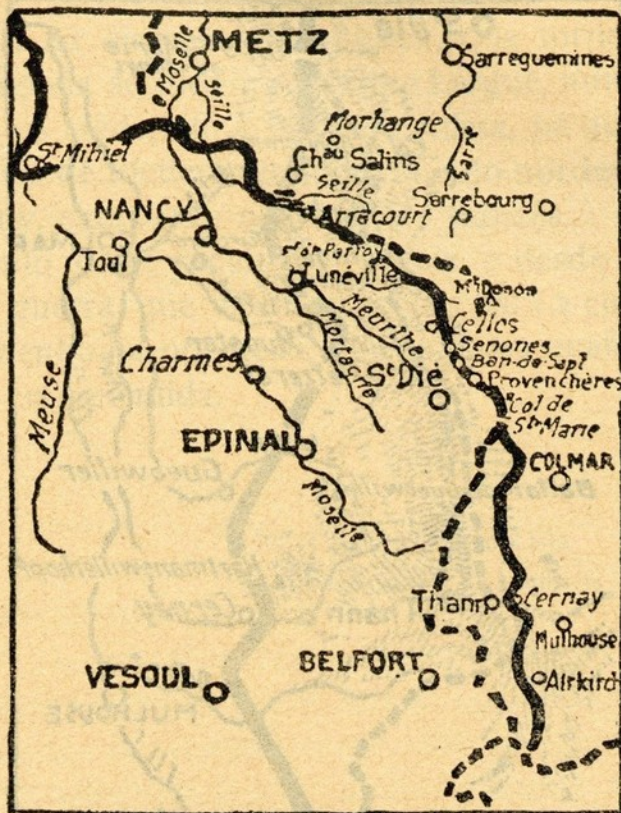
O objectivo estratégico eventual neste sector, assim sumariamente examinado, permanece o mesmo que os exércitos adversos visaram no inicio da guerra, a saber:

por parte dos franceses, as direcções de la Sarre, por Morhange e Sarrebourg; pela dos alemães, Nancy e a brecha de Charmes.

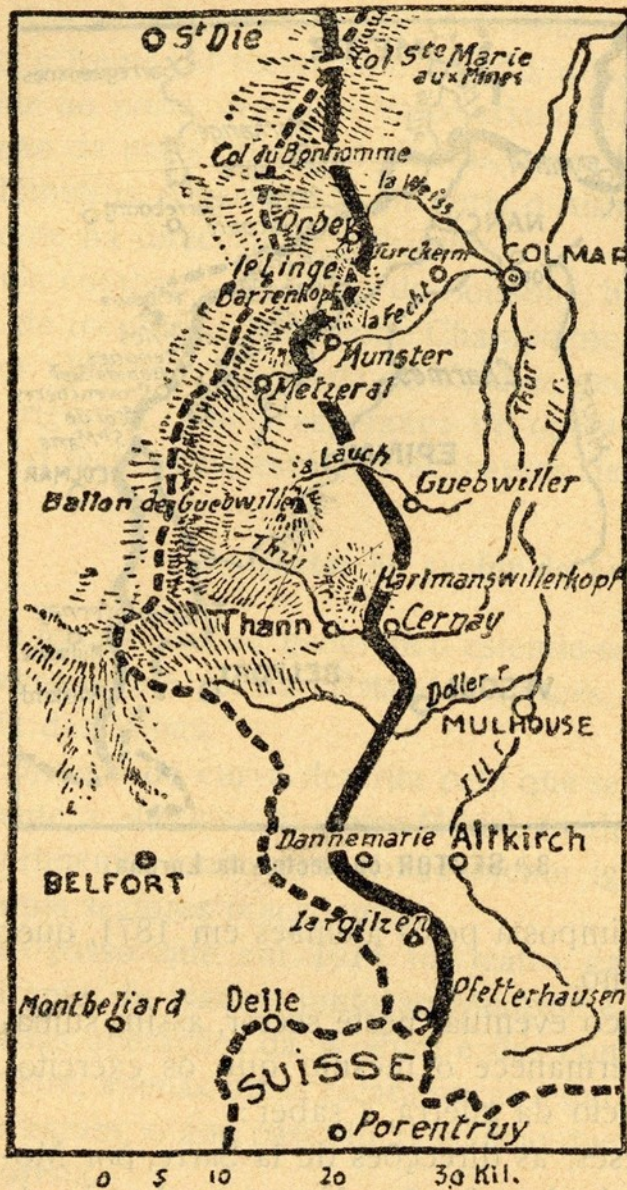
Esta última, voluntariamente estabelecida por ocasião da constituição das defesas permanentes, está compreendida entre o campo entrincheirado de Épinal e os fortes dependentes da praça de Toul. A sua abertura está coberta pela tripla linha do Meurthe, do Mortagne, do Mosella, e pelos massiços entre esses rios.

4.º sector ou sector da Alsácia

O sector mais meridional da frente mede em comprimento menos de metade daquêles de que demos o limite aproximado; a sua linha de combate serpenteia efectivamente numa exten-



3.º SECTOR ou sector da Lorena



4.º SECTOR ou sector da Alsácia

são de 85 quilómetros pouco mais ou menos, toda situada no bocado de terra alsaciano conquistado pelos franceses.

Da portela de Santa Maria à de Bonhomme segue numa curta distância a crista dos Vosges; mas depois dessa depressão, pela qual Saint-Dié é ligado a Colmar, desenvolve-se pela da encosta oriental das montanhas.

Depois de ter passado, nos arredores de Orbey, o vale do Weiss, a frente eleva-se até às montanhas do Linge e do Barenkopf, que dominam Münster e a direcção de Turkheim. Desce em seguida até às margens do Fecht, adiante

de Metzeral, e torna a subir até o Hilsenfirst;—depois, para além do Lauch, passando pelas encostas de Guebwiller, alcança Hartmannswillerkopf, que ficará célebre com o nome de Velho Armando.

A maior parte desses lugares são famosos pelos rudes combates que deram ao inimigo em 1911 e 1915 os batalhões alpinos e os caçadores a pé, assim como os regimentos ordinariamente aquartelados nas proximidades da fronteira dos Vosges.

No sopé dos contrafortes do Velho Armando, a frente, cavalcando o Thur, penetra na planície de Sundgau, enquadrando a pequena cidade de Thann.

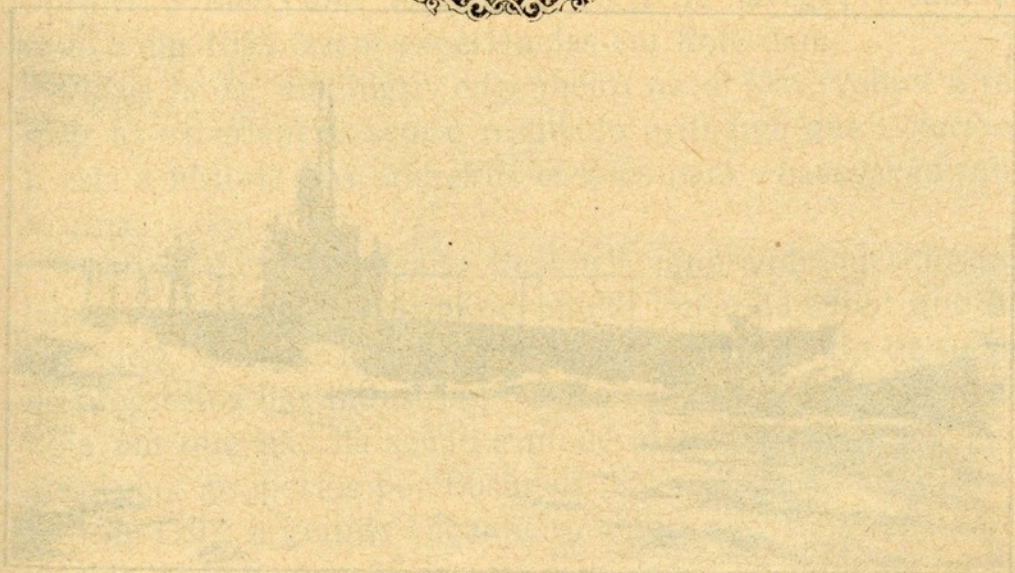
Atravessa a planície na direcção de Altkirch, que tornea pelo oeste, para em seguida se dirigir entre Ill e Largue, numa região onde abundam os lagos, até á fronteira suíça, na qual se apoia diante da aldeia de Pfetterhausen, no ângulo nordeste do distrito de Porruenty, encravado no território francês.

Em todo o conjunto dêste sector da Alsácia, e desde as primeiras semanas da guerra, que viram as acções para a conquista de Mulhouse, nenhuma operação, que se possa qualificar de estratégica, foi empreendida.

Janeiro de 1917.

TEIXEIRA BOTELHO

Tenente Coronel de Artilharia



Uma conferencia sobre submarinos e submersiveis, feita na Escola de Guerra em 1916

O papel que estas unidades tem desempenhado na actual guerra, merece que nos detenhamos um pouco no seu estudo. Na realidade, no mar, além das operações dos Dardanelos, de combates isolados entre cruzadores, do bloqueio militar, cooperação e apoio das esquadras nas operações de terra, e ainda o combate da Jutlandia, tem sido os submarinos que tem desenvolvido maior energia destruidora, e se tem mostrado, de uma resistencia e largueza de recursos, que na verdade tem causado admiração aos profissionais, que ainda ha pouco os consideravam como armas simplesmente adstrictas á defeza dos portos, e alguns julgavam ainda na infancia. Em Tsushima e em toda a guerra do Oriente, não apareceram os submarinos, mas na actual guerra, na grande guerra, ganham as suas esporas de ouro, e deixam antever um futuro, para o qual convergirão as maiores capacidades e mais altas faculdades tecnicas.

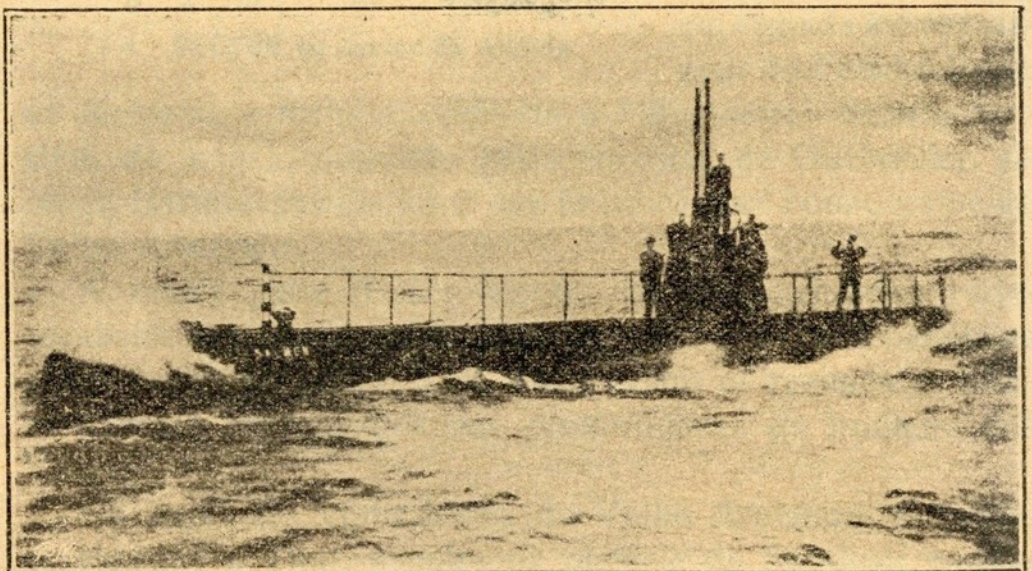


Fig. 1

O combate da Jutlandia no mar do Norte, 31 de Maio, a 150 milhas ao NW de Heligoland, o mais importante que se tem travado durante toda a conflagração Europeia, e apesar da grandeza da batalha, das perdas importantes de parte a parte, e dos resultados conseguidos, ainda não foi senão o encontro de duas divisões e não a grande batalha de duas esquadras completas. Carece um estudo especial que faremos na devida altura, estudando o objectivo dos combatentes, a batalha em si, e as suas consequências.

A historia do submarino é antiga; não só a guerra submarina que vem dos tempos mais remotos gregos e Phenicios, mas a propria navegação submarina, pois como nos diz Roger Bacon, que segundo Ethicus, Alexandre o Grande, tinha navegado numa embarcação submarina!

Não ha na verdade uma solução de continuidade na sua historia; aparecem novamente tentativas sérias no fim do seculo xvi, William Bourne, apresenta um projecto de construção, meio seculo mais tarde 1624, o holandês Cornelius van Drebbel, realiza aquele projecto, executando em Londres, no Tamisa, uma experlencia curiosa, o seu mergulhador transportava 12 pessoas, entre as quais devia embarcar Jacques I; a sua principal invenção era a de um liquido com a propriedade de purificar o ar. Morreu, porém, como louco e brucho sem aperfeçoar o seu invento.

No meio do seculo xvii voltam os estudos, os franceses Fornier e Mercenne, expõem a teoria da navegação submarina, e em 1655 fazem experiencias em Rotterdam.

Mais tarde, um inglês engenheiro naval Day, voltou a repetir as experiencias sem o resultado brilhante que esperava. É esta a historia dos primeiros ensaios para a navegação submarina.

Em 1765, o americano Bushnell, ignorando mesmo que lançava o *primeiro submarino*, muito longe de supôr que da sua ideia aperfeçoada pela sciencia e aproveitando de todos os progressos das industrias, é o percussôr do submersivel de hoje em que não ha senão a modernlzação de todos os maquinismos propostos por Bushnell.

Em 1797, o grande engenheiro americano, da guerra submarina Fulton, aquele que foi o iniciadôr do torpedo, ou da mína subaquatica, certamente inspirado nas ideias de Bushnell,

projecta o seu «Nautilus», que vem à França oferecer ao Directorio, e não tendo conseguido que o seu barco-mergulhador fôsse logo executado, obteve 3 anos mais tarde que o 1.º consul nomeasse uma comissão, para estudar sériamente o assunto, composta dos grandes homens de sciencia, Volney, Monge e Laplace. (Fig. 2).

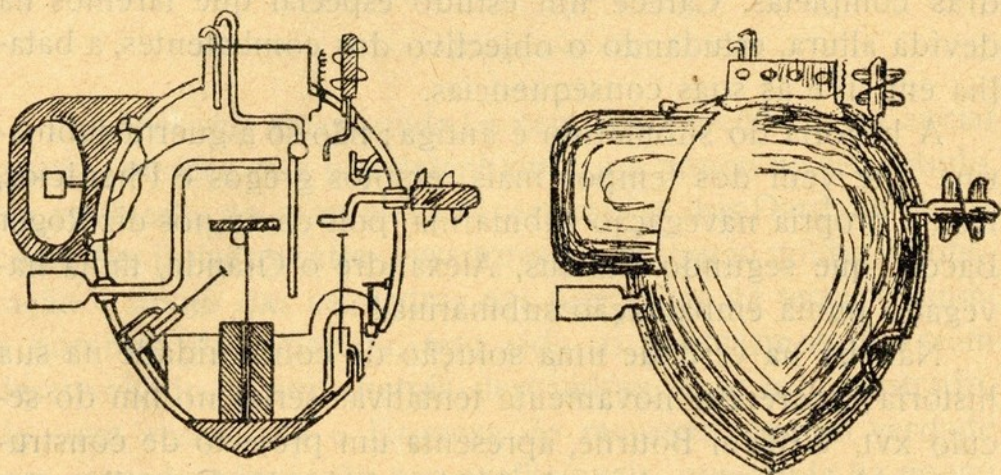


Fig. 2

Fulton, constroi o seu primeiro barco em 1801, cujas experiencias se realizaram em Ruão e depois no Havre, empreendendo o engenheiro americano a viagem até Brest, o que causou espanto dos artilheiros das fortalezas, que viam pela primeira vez um barco que desaparecia no mar, para daí a algum tempo voltar á superficie.

Bem depressa se constroi o segundo «Nautilus», de maiores dimensões e mais perfeito, sendo, porém, os principios de construção sempre os mesmos, a imersão obtinha-se pelo aumento da densidade, pela introdução da agua, a imersão pela saída da agua, sob a acção de uma bomba premente.

Brilhantes foram os resultados das experiencias deste segundo modelo, que se realizaram, primeiro no Sena, em frente de Paris, cuja população aplaudiu o inventor, e em seguida em Brest, conservando-se imerso, durante uma hora, e, na ultima experiencia, empregando o ar comprimido num balão, conseguiu estar debaixo de agua durante 4 horas.

Apezar de tão animadores resultados, o Governo Francês não conlinuou animando a navegação submarina; e Napoleão, talvez fatigado da lentidão com que avançavam os melhoramentos, acaba por declarar a invenção *impraticavel*.

Mas, em 1809, Napoleão muda de opinião, pois que com o seu auxilio, os irmãos *Coessin* constroem um novo submarino, a que chamam «Nautilo», que se experimenta no Havre, e cujo objectivo era ir atacar de noite, as obras vivas dos navios ingleses. A comissão do Instituto, composta dos sabios Riol, Monge e Carnot é favoravel á invenção, ficam satisfeitos com as experiencias e termina o seu relatorio afirmando: «Que não ha dúvida que se pode estabelecer a navegação submarina, expedita e barata». O relatorio publicado é muito comentado pelos competentes e entre eles *Castera*, mas a França parece desinteressar-se e não tarda a ficar indifferente.

Pelo contrario, os estudos continuavam principalmente entre os americanos que não abandonaram durante o ultimo seculo o estudo do submarino, embarcações onde homens resolutos lançavam os torpedos contra os navios inimigos.

Nesta luta pelo aperfeiçoamento do submarino, nesta época a que nos vimos referindo, não podendo citar detalhadamente os ensaios e os seus resultados, forçoso é mencionar aqueles, que neles trabalharam. Em 1855, Nasmith, inglês, em 1862, Alstitt, americano, em 1864 os americanos David e Anenly, sendo este modelo de David, o primeiro que entrou na guerra. Em 1863, Charles Brun, francês, constroi o «Plongeur», em 1870, o italiano André Constantin, etc., etc. (Fig. 3).

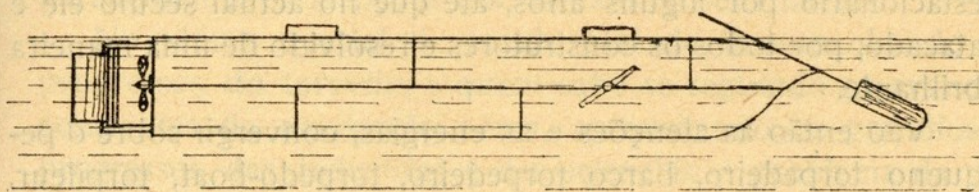


Fig. 3

Entre muitos construtores notaveis. são os trabalhos dos americanos Halstead e Holland.

M. Abbel Halstead em 1872, construiu e experimentou em Brooklyn (New-York) o seu barco a que chamou *baleia intelligente*, grande embarcação de 9 metros de comprimento para uma guarnição de 13 homens, podendo estar imerso durante 10 horas; apesar de boas disposições estanques, os resultados das experiencias não foram julgados satisfatorios.

Em 1875, M. Holland de Paterson (New-Jersey), projecta o seu bote submarino, manobrado só por 1 homem e que tinha

de armamento 5 torpedos que poderia ir colocar ao contacto dos navios inimigos. (Fig. 4).

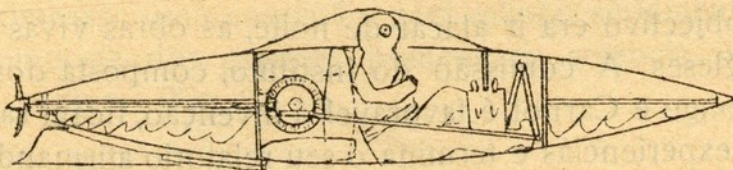


Fig. 4

Até então, não havia ainda aparecido o torpedo automovel, e assim estas construções, eram todas destinadas a obter a invisibilidade, permitindo ir ao contacto do navio inimigo, onde se deixasse a mina, que o havia de destruir; mas, forçoso é reconhecer, que o estudo das sciencias e industrias, não permitiam resolver por completo os problemas mais importantes de que dependia a navegação submarina. Assim, não passava do motôr manual, que não obtinha uma velocidade superior a 3 milhas, a iluminação interna sem consumo de oxygenio, e a visão externa para se dirigir o barco, era então, igualmente impossiveis; a estes problemas, juntava-se a resistencia do casco que a construção não congua ainda garantir para uma profundidade desejada.

São talvez estas razões que parecem deixam o problema estacionario por alguns anos, até que no actual seculo ele é atacado, por todos os construtores e resolvido de uma maneira brilhante.

Vão então as atenções e as energias, convergir sobre o pequeno torpedeiro, barco torpedeiro, torpedo-boat, torpileur, torpidinière e torpedo-boote, como se chamava em portugûes, inglês, francês, italiano e alemão, primeiro para o emprego d'antena e mais tarde empregando o torpedo de abatimento (Halley); barcos quasi rasos de agua, não deixando vêr mais que a chaminé, e uma pequena parte do costado, e já dotados da maxima velocidade, 18 milhas, que então se podia obter compativel com as suas pequenas dimensões, não superior a 30^T de deslocamento.

Como se vê, a sua defeza era garantida pela rapidez e pela invisibilidade com que operavam, o seu poder ofensivo era constituido pelos torpedos d'antena, que faziam explodir ao contacto do costado do inimigo.

Já a divisa desfes barcos, que se deve ter mantido, para todas as classes de torpedeiros até aos submarinos de hoje, deve ser a da antiga cavalaria, *Gloria ou morte!!!* pois neste combate não pode haver termos médios, ou destruir o inimigo, ou ser destruído por ele!

Em 1868, Whitehead constroi o seu torpedo automovel e daí uma revolução nos torpedeiros; o torpedo ganha em alcance, isto é, a acção do barco exerce-se a uma distancia muito maior (400 metros) e foram de tal maneira prodigiosos os resultados do novo invento, que os estudos recaem então sobre o torpedo, principalmente em França, onde se originou a «Jeune Ecole», da qual a maior figura era o almirante Fornier, e que queria entregar toda a defeza maritima simplesmente ás esquadilhas de torpedeiros, essa tão falada *poeira do mar*, que este seculo tinha que ver transformar, para aumentar de deslocamento e poder resistir ao mar e acompanhando as esquadras, ou aumentar a invisibilidade, transformando-se no submarino. É indispensavel consignar que o grande impulso dos torpedeiros derivaram dos progressos do torpedo, e que, portanto, á frente desta parcela tão importante da marinha militar, está o engenheiro Whitehead que realizou com inteligencia a invenção do capitão austriaco Lupis e mais tarde o alemão Schwarzkoff copiando o seu invento, produz na Alemanha os torpedos que armam os seus navios.

No ultimo quartel do seculo passado, acompanhando os progressos do torpedo, e quem sabe se seguindo os avanços constantes da navegação aerea, aproveitando os grandiosos progressos das industrias e das sciencias, o problema da navegação aquatica volta a ter grande impulso. Devemos citar nesta época: em 1885 os ingleses Campbell e Ash, constroem o «Nautilus», em 1886, Waddington, em 1888 Nordenfelt sueco; em França em 1885 Goubet, em 1889 Gustavo Zédé, em 1893 o russo Bauarazzot, etc., etc.

No principio do seculo actual, voltam-se as atenções para os submarinos, o pequeno torpedo era considerado improprio para o seu fim, e o destroyer de dimensões que não lhe garantiam invisibilidade, não podendo operar sem a protecção dos couraçados, não satisfazia por completo á defeza das costas; o submarino resolvia o problema.

Já então a metalurgica produzia os melhores aços, a cons-

trução naval sabia resolver por completo o problema da resistência, longa tinha sido a pratica dos torpedeiros; a electricidade satisfazia o que dela se desejava, e finalmente, o motôr de explosão, o motôr mais leve que então aparecia, e mais tarde os motôres de combustão, vinham fazer desaparecer muitas das maiores dificuldades do problema dos submarinos.

Por outro lado, a introdução dos prismas nas lunetas, permite a construção do *periscopio*, e assim os construtores podem com segurança traçar os barcos, que as industrias respondem por completo ás maiores exigencias.

Difícil é em tão curto espaço citar datas e nomes, dando a primasia a este ou áquele.

Na America o tipo, ainda é o Holland *A* e os construtores são: Lake & C.^a, Electric Boat & C.^a, Holland & C.^a, etc. Em Inglaterra os tipos adotados são Holland, o Laubeuf e o Laurenti, no qual os construtores introduziram importantes modificações, entre os quais se citam Vickers, Yarrow, Tornicroft e Armstrong; em França, Lawbeuf, *B*, Roudelle, Bertin, Mange e a casa construtora além dos estaleiros do Estado, é Schneider; em Italia, Laurenti *C*, e os construtores Fiat e Ansaldo; na Alemanha, tipo especial *D*, construido pela Germania de Kiel, além dos construtores Elling de Schichau e Vulcan de Stettin; etc., tantos outros se poderiam citar e só um estudo muito completo poderia cronologicamente enumerar os inventôres, e apreciar sucessivamente os progressos.

A actual guerra confirma que o problema do submarino, tem uma resolução pratica, e dos resultados que até hoje esta arma tem obtido facil é de antever que no futuro, os estudos maior desenvolvimento terão, obtendo para esta arma os resultados ainda mais completos.

A resolução do problema da navegação submarina correu a par da nevegação aerea e podemos afirmar que um e outro teve a sua resolução devido ao motôr leve de explosão e combustão.

Estabeleceram-se as duas correntes de opinião, o mais *pezado que a agua*, e o mais *leve*, como na navegação aerea o mais *pezado que o ar*, e o mais *leve* mas, é claro, que com uma significação em sentido oposto.

Assim primeiro uns queriam o submarino, isto é, o barco que só mergulhasse por aumento de densidade, pela introdu-

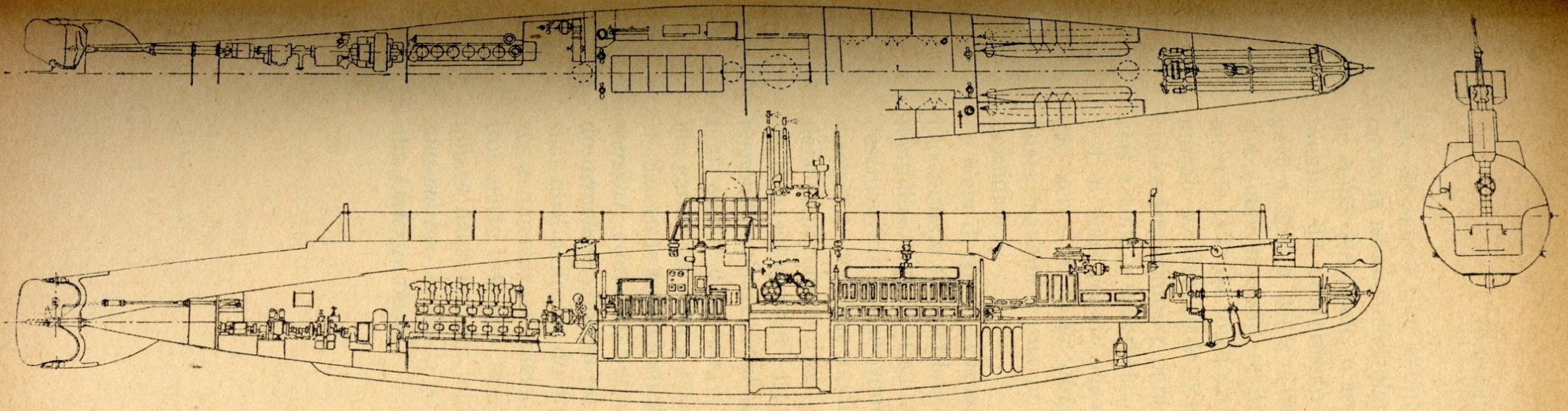
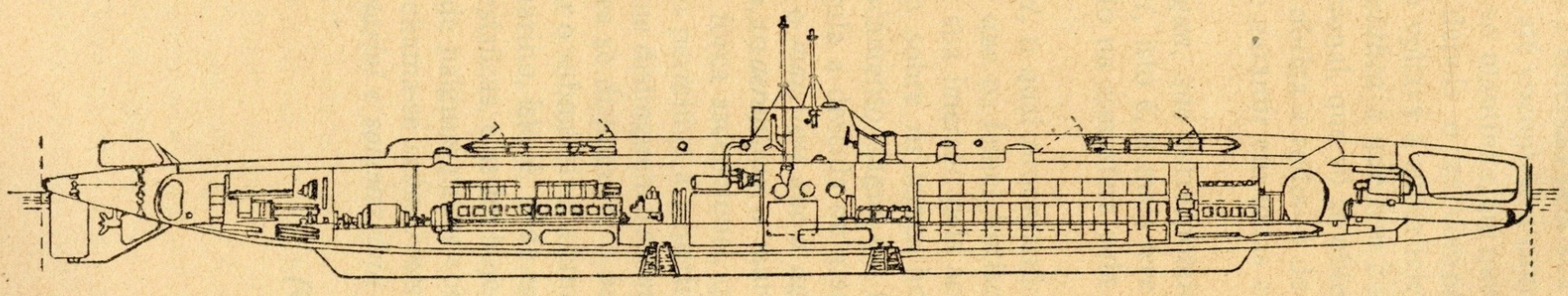


Fig. A



Laubeuf
Fig. B

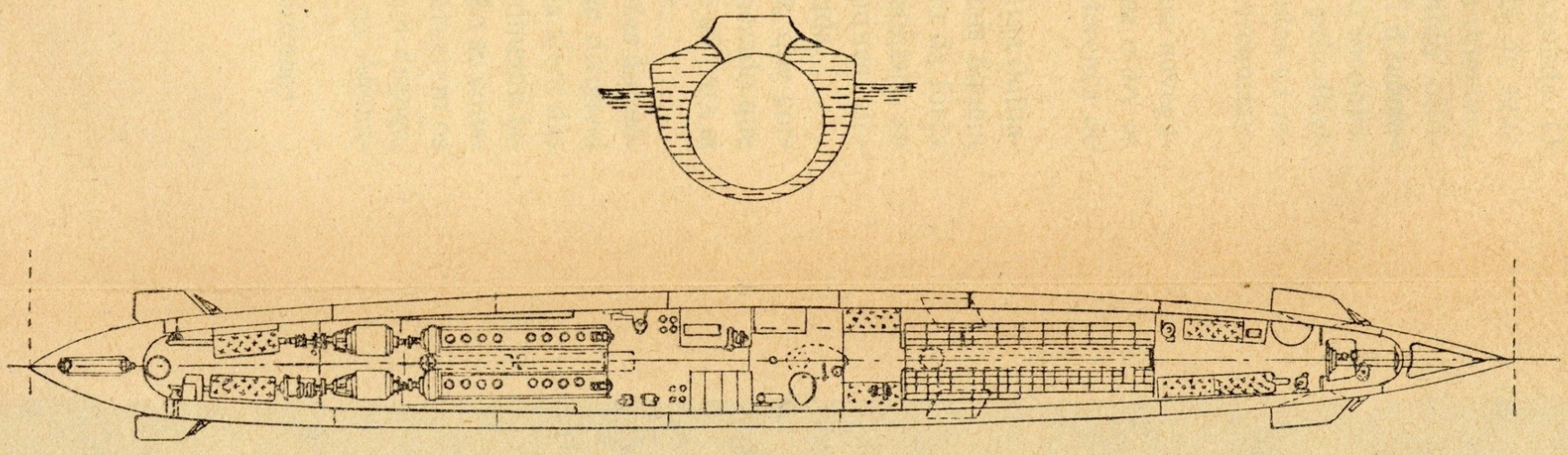


Fig. C

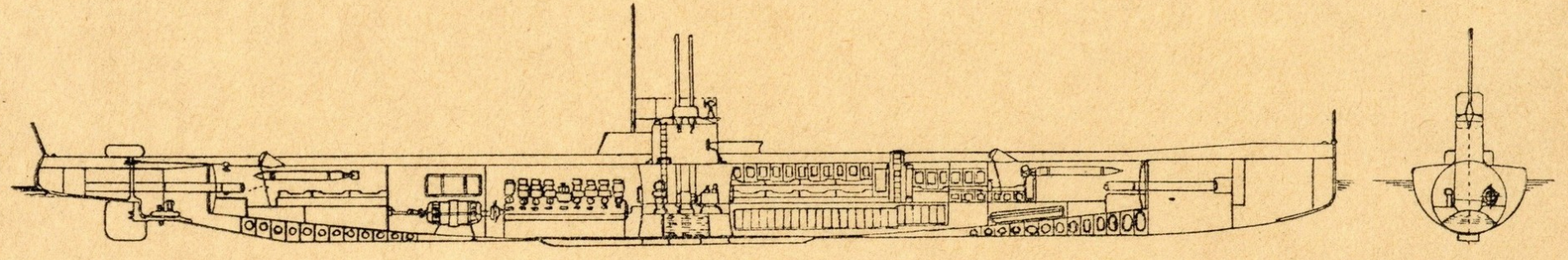
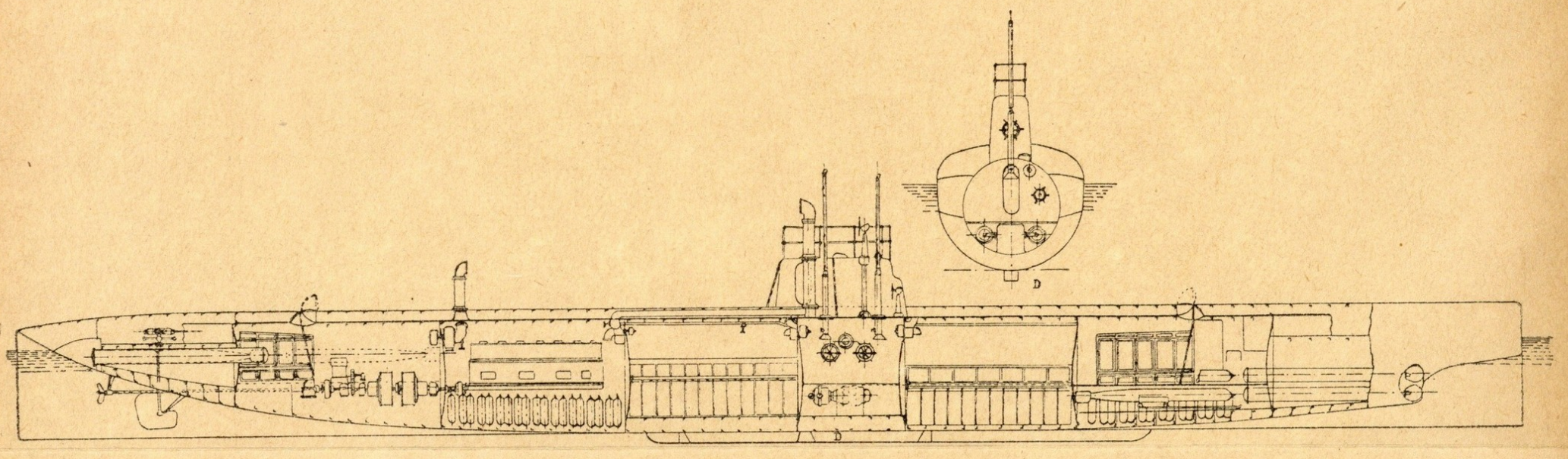


Fig. D

Desenho - schematico do submersivel Krupp

ção da agua e que obtinham a emersão pela sua expulsão. O navio ia assim mergunlando até encontrar a camada de agua de egual densidade, e assim se mantinha, até que, a principio, bombas de compressão e depois o ar comprimido obrigava a agua a saír e o barco voltava á superficie. É o *submarino*, cuja imersão se diz *estatica* a que tem como inconveniencia falta de força ascencional, que só se obtem pela diminuição da densidade o que obriga a rodia-lo de todos os recursos (seguranças), para lhe garantir em todas as circumstancias a volta á superficie.

É o mais *pezado que a agua*, que corresponde na navegação aerea ao *balão dirigivel*, isto é, o mais *leve que o ar*, os quais mantem a sua posição na atmosfera pela diferença de densidade.

Vem depois o *submersivel*, o qual procurando uma flutuação propria á superficie, tal que os lemes horisontais fiquem mergulhados, vai procurar a sua imersão pela acção da força desenvolvida no movimento sobre os lemes horisontais, ao mesmo tempo que o deslocamento da agua em tanques, módera e, por assim dizer, regula a descida ou a subida.

É o submersivel, isto é, o *mais leve que a agua*, que corresponde na navegação aerea, ao *aeroplano*, o mais pezado que o ar, possui uma reserva de força ascencional, que só para si lhe garante a volta á posição permitiva á superficie.

São estas caracteristicas que distinguem o *submarino* do *submersivel*, como nas aeronaves se distinguem o *balão dirigivel* do *aeroplano*; porém no mar o submersivel acumula além das suas qualidades as do submarino, isto é, póde egualmente fazer as imersões e emersões estaticas, e assim hoje não se constroe senão este tipo, apesar de nalguns países conservarem os nomes daqueles. Em inglês chama-se *submarines*, em França, *sous-marins*, em Italia, *solt-marini* e *sommergibili* e na Alemanha *Untersee-Boots*.

(Continúa)

Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

(Continuado de pag. 64)

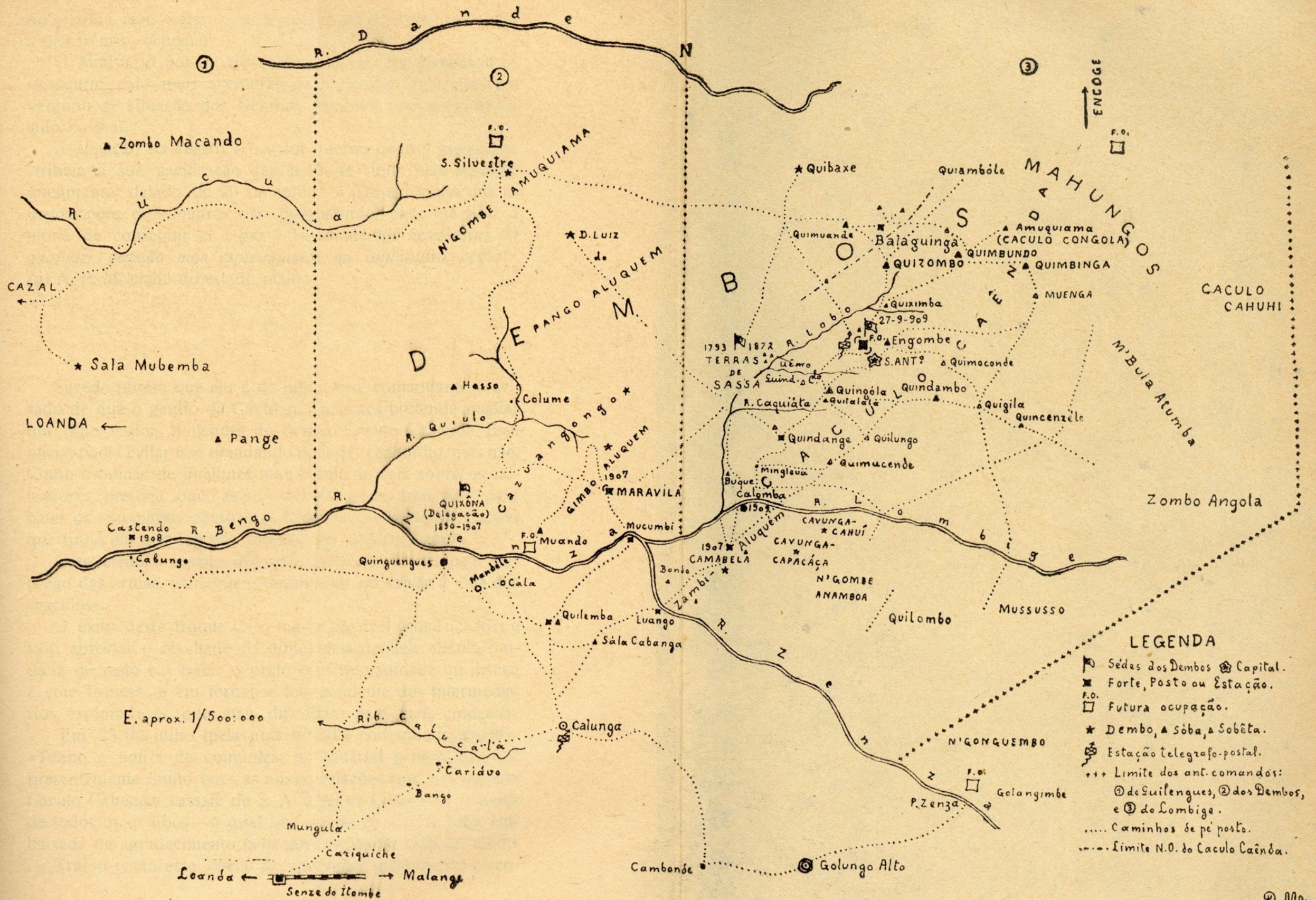
Foi nestas graves circunstancias que em 24 de março de 1909, foi confiado o comando da região, ao já referido alferes de infantaria David José Gonçalves Magno, iniciando logo os trabalhos diplomaticos resumidos a pag. 92 do «Relatorio dos Serviços Militares de Lombige» — (V. relato, plantas e esboço na Coleção dos mais interessantes relatorios de Angola — Imprensa Nacional — Loanda, 1910 — ou Biblioteca do Ministerio da Guerra (O. E. 2.^a n.º 12 1916).

Este official, apenas se orientou da situação, tratou de reconhecer a força e as disposições do Caculo Cahenda, mandandando aí o competente espião diplomatico.

O corajoso Jeronimo Bemvindo, voltou de lá desanimado perante a negativa do dembo e dos seus ministros, em consentirem um forte, perante a força do gentio, situação defensavel da banza (*que só poderia ser tomada a muito custo por duzentos homens*) e acochado pelo receio de ser aprisionado por gente do M'Bula Atumba ou do Cazuangongo, conforme foi transmitido ao Quartel General na nota n.º 260 de 5 de junho.

Entretanto o governador verificando por diferentes vias, a força e influencia do Caculo Cahenda, insistia em recomendar por nota n.º 220 de 16, que ao menos não se perdesse o contacto com este potentado; mandava avançar com a linha telegrafica de Senze de Itombe a Calunga; e preparava-se para ele proprio dirigir as novas operações.

Sem que o Cazuangongo tenha, por isso, mais valor e sómente porque está á entrada dos Dembos, do lado de Calunga, emquanto se não submeter, evidentemente que os dembados



E. aprox. 1/500:000

Loanda ← Senze do Ilombe → Malange

LEGENDA

- Sédes dos Dembos
- ⊠ Capital.
- ⊠ Forte, Posto ou Estação.
- F.O. Futura ocupação.
- ★ Dembo, ▲ Soba, ▲ Sobeta.
- ⊠ Estação telegrapho-postal.
- +++ Limite dos ant. comandos:
- ① de Suilengues, ② dos Dembos, e ③ do Lombige.
- Caminhos de pé posto.
- - - Limite N.O. do Caculo Caênda.

do interior, mais fortes ou mais fracos, não se prestam também a deixarem-se ocupar.

O Ministerio porém, ajuizadamente, não lhe dispensou os elementos para mais aventuras ou expansões guerreiras e a vergonhosa situação dos Dembos passou a considerar-se estado normal.

A situação da região e o valor que no quartel general se atribuía á sua pacificação depreende-se ainda pelo seguinte documento, datado de 20 de julho: — «Desejo muito que as negociações diplomaticas vão progredindo, para lhe ficar a gloria de conseguir aí a paz e harmonia *tão necessarias em qualquer ocasião mas especialmente na conjuntura actual*».

(a) A. P. M. chefe do estado maior.

*

* *

Sucede porém que em 2 de julho, esse comandante é avisado de que o gentio de Cavunga Capacaça pretende assaltar um filho e dois moléques do dembo Caculo Cahenda. Esse official podia evitar isso mandando policiar o caminho, mas não. Como o odioso de qualquer mau resultado caía sobre os salteadores, preferiu tomar as providencias necessarias tanto para bater os «cavungas» como para fazer ver ao gentio de Caculo que tinha em nós valiosos amigos, que o defendiam.

Com efeito o assalto deu-se e as nossas forças, pelo emprego das armas, conseguem desamarrar ou salvar a vida dos «caculos».

O exito deste truque foi o maior possivel (nota n.º 267) e veio abreviar o resultado da diplomacia daquele alferes, fundada de resto em tratar o preto com humanidade ou justiça e com firmeza, e em tornar-se independente dos intermediarios exploradores, que mais dificultam para mais comerem.

Em 23 de julho (pela nota n.º 303) podemos transmitir: «Tenho a honra de comunicar ao Quartel general que são presentemente muito boas as nossas relações com o potentado Caculo Cahenda, vassalo de S. A. o rei de Congo — e o maior de todos os dembos — o qual nos acaba de enviar uma embaixada de agradecimento pelo salvamento da vida do filho.»

Tratou então esse official de aproveitar o momento psico-

logico, dando ás relações com o Caculo Cahenda um movimento impulsivo e requisitando com urgencia, em termos convincentes, o pessoal, material de guerra, sanitario, de bivaque e de construcção, viveres e uma farda, e incumbindo um preto civilizado, insinuante e muito inteligente, Francisco Pereira dos Santos Vandunem, natural do Golungo Alto, de ir entusiasmar o dembo, para sem mais rabulices, consentir formalmente a construcção de um forte, para nele se erguer a bandeira portugêsa.

Esse official não se confiou apenas de isso, não fazia politica de acaso, tecia-a.

Simultaneamente, compreendendo que de dois potentados que se negam a aceitar a occupação, o que primeiro a receber é que se julga mais honrado, tratou de, para este efeito, estimular o Cahenda e o *Caculo Congola* a, pelo menos, encararem os soldados como outros portadores da civilisação e não da guerra (nota n.º 365 de 25-8-909).

Dentro de pouco tempo estes figadais inimigos intrigavam-se furiosamente (nota n.º 361 de 26) perante o comandante militar e a decisão do Caculo Cahenda precipitava-se, com receio de que tomassemos a dianteira para o Caculo Congóla.

Em 26 de agosto, com a referida nota n.º 361, esse official conseguiu finalmente remeter ao Quartel General o almejado officio, em que o dembo pedia o forte, *frizando no mesmo que o fazia atendendo á forma justa como David Magno tratava o gentio*.

Sem desprimôr para o chefe anterior, que é um homem digno e está fora do caso, em Africa radicou-se nos espiritos, geralmente supérfluos, a doutrina falsa de que para o preto nos respeitar jamais nos devemos sorrir, mas sim transformar em caceteiros!

O Caculo Congola até aí considerado rebelde, igualmente influenciado pelos subtis ardis da politica gentilica adoptada, reclamava tambem um forte immediatamente!

O comandante do Lombige tendo levado o Caculo Cahenda a escrever e o selar a officio com grande solenidade, perante sóbas e macotas, quiz empenhar quanto possivel a honra de esse Estado gentilico.

Só quem já tiver tratado directamente de melindrosas ques-

tões políticas com selvagens, que nunca chegam a acordo, poderá avaliar as dificuldades de que se triunfou. E para que a extensão desta victoria intelectual se pudesse aquilatar era preciso que se conhecesse como esse comandante militar se desviava da rêde de ciladas que lhe urdia um mixto de autoridade, de grande industrial e agricultor, de traficante e de jornalista, representante das forças vivas da colonia e que como tal tinha extraordinario pêso na opinião e no governador.

Grandes incomodos, que mal se compreenderão pelo processo a que respeitam notas do Comando de Lombige, entre os n.^{os} 314 a 356, de agosto de 1909, custou o salvamento do referido interprete Vandunem, que aquêle sertanejo injustamente queria inutilizar, apenas porque então, comercialmente, não lhe convinha o nosso avanço para Caculo Cahenda.

Conservando-se a região em revolução, o gentio trazia-lhe o café a Calunga; do contrario, o comerciante tem de penetrar com a sua sucursal.

— Em resposta ao officio do dembo, o governo geral transmitiu ao comandante do Lombige a sua "grande satisfação" e pôz á sua disposição quanto requisitou, que era o estritamente imprescindível, com a diferença de que, não havendo uma metralhadora nem outras praças, tiveram de abrir as prisões de S. Pedro da Barra aos vinte peiores soldados do exercito, visto que abaixo da terceira companhia disciplinar de Angola (abaixo da 1.^a e da 2.^a) não havia em Portugal e colonias outra unidade de corrêção inferior — péssima qualidade de gente reconhecida pela nota do quartel general n.^o 365-E de 3-9-909 (e pelo telegrama de 11-10.^o), a quem agora não se prometiam amnistias nem berloques.

A occupação de Caculo Cahenda oferecia perigos e então estes relegados do exercito e da armada, verdadeira escoria social, se tivessem de servir de isca, seriam menos lamentados do que outros. Logo na marcha de Loanda para Camabéla se mostráram *boa* gente para combater, pois iam assassinando o sargento, o qual com receio dêles, nada participou.

Por outro lado, para este pessoal armado com carabina de repetição 8^{mm} Kropatschek despacharam cunhetes com munições 14^{mm} Martini Henry. Lapsos de um que desejava que não fossem lançados a terra os "castelos de cartas" dos Dembos.

Alguns conhecedores da região, aconselharam-no a que não avançasse, entre os quais o seu ponderado antecessor no Lombige, que escreveu: «*O posto não pode ser montado neste tempo das grandes chuvas, e como depois delas virá a coluna, facilmente o montará então, com pessoal novo e em melhores condições*».

*

* *

O comandante da coluna de 1907 a confessar que este avanço era impossível, para não implicar com o Caculo Cahenda e as comunicações não serem cortadas pelo Cazuangongo, cada vez mais ousado;—um oficial da mesma coluna a lamentar-se por se ter perdido uma das maiores glórias, avançando para a frente de Camabela;—este dembo Caculo Cahenda a troçar de nós, intimidando-nos com visinhos inferiores a êle, sendo absolutamente certo que a sua banza era um ninho de aguia bem defensavel;—e o segundo comandante a lembrar ainda a dificuldade das chuvas tropicais, devendo portanto ficar isso para a coluna de Paiva Couceiro;—tudo concorria para, respeitadas as devidas proporções, qualquer visionar na sua frente um gigante Adamastôr com o respectivo Cabo Tormentorio e também, depois da Boa Esperança...

Esta empreza era realmente de vida ou de morte, como vulgarmente se diz dos passos muito arriscados, mas quem se não arriscou se nunca perdeu também não ganhou.

A reflexão é inimiga dos heroismos. Portanto para a frente era o caminho—«*Alea jacta est!*».

Sucedeu que, neste comênos, David Magno começou a vêr-se em tal labirinto, pela falta repentina de generos e de transportes que propositadamente lhe preparáram; pelas furiosas intrigas gentílicas, acabando de receber uma embaixada do Caculo Congola insistindo para que não fôsse para Caculo Cahenda, onde o queriam atrainçoar, e outras dificuldades, de modo que teve quanto antes de cegar os olhos á razão e de ordenar o avanço—suceda lá o que suceder.

Deixou as estações de etape de Calomba (rio Lombige) e de Luango (rio Zenza) reduzidas a sete homens cada uma e o posto de Camabela a desasete, e avançou com 21 europeus e

23 indigenas, dos quais eram civis os já referidos Vandunem e Faria.—(Este cometimento vem resumido em *O Seculo*, n.º 10:023).

Não se fez acompanhar de maior numero de europeus porque, um ou outro soldado dos presidiarios não pode encobrir o medo de avançar e para esses fracos morais o gesto impulsivo desse oficial só teve o desprezo. Fazê-los ir, seria levar o fermento ou o rastilho de um panico.

Ao iniciar a marcha, já quando a pequena expedição se estendia numa longa fila indiana, que oferecia ao gentio a impressão de uma coluna dez vezes maior, succedeu uma coincidência extraordinariamente favoravel, pois, surgiu uma comitiva de cinquenta carregadores que regressavam de Calunga e iam a tomar o caminho de Posto de Sassa (Cangundo), os quais se prestaram a conduzir igual numero de cargas de necessidade imediata, tais como munições de guerra e de bôca.

A expedição não avançava com o indispensavel para se fixar, mas ia pelo menos preparada e disposta para explodir bem contra o que chocasse com ela.

O avanço de mais de dez leguas atravez de matas e de môrros monumentais, como o de Quissango, de Quindange e de S. Antonio, cujo caminho é o peor dos Dembos, nunca percorrido por nenhuma coluna, fez-se em três etapes: Calomba (onde ficou a peça), Quingóla e S. Antonio de Caculo Cahendra. Para prova de que é o peor dos Dembos, como dizemos, transcrevemos um documento de um oficial da coluna de 1907, que depois para aqui veio, em que diz: «Na marcha para o Caguangongo trepei montanhas quasi inacessiveis, mas esta é igual, se não fôr peor».

Em segunda feira vinte e sete de setembro de mil novecentos e nove o alferes David José Gonçalves Magno, á frente de quarenta e quatro praças, europeias e indigenas, com as armas preparadas para fogo, entrou na capital dos Dembos, que ocupou em nome da Patria e da Civilisação.

imensa multidão de povo, entre o qual se abafava, fãiscavam

Era cerca de meio dia. O tempo apresentava o aspecto sombrio da cacimba. Ao chegar a expedição ao ponto mais elevado da banza, com as baionetas nuas, para impressionarem a

já sob um sol de trovoada. A meio da tarde, uma brusca ventania sacudiu tudo e a seguir uma demorada chuva torrencial molhou-nos a todos. Foi nesse mesmo dia que a estação das chuvas começou.

*

* * *

A expedição tinha passado á porta do dembo, que a viu desfilar, assim como esta mal lobrigou aquele, fardado, mas nem este poudo vir ao encontro do comandante, nem o mesmo oficial quiz ir ao encontro do maior dos dembos.

Como os «caculos» tivessem visto as terras do seu antigo sóba Zambi Aluquem, cincoentas vezes mais fraco e situado na fronteira, ser ocupado em 1907, sem disparo de um tiro, por uma coluna que deixou ali uma guarnição de sessenta e três homens e um canhão Krupp, os «caculos» pela sua eterna ingenuidade de pretos, esperavam ser ocupados na devida proporção por alguns milhares de soldados.

Para que uma temeridade não parecesse uma miseria, esse oficial fez ver aos notaveis (que tinham ido de vespera a Quingóla saudálo) que *este punhado de portugueses era apenas um destacamento ou guarda avançada de forças mais numerosas a vir, se... fôsem precisas.*

Eis a explicação porque os ministros, tendo anuido a que o dembo fôsse receber o novo chefe á entrada da banza resolveram nessa mesma manhã que este fôsse recebido sómente pelo seu Estado e povo, aliás como o salvador dos filhos de Caculo Cahenda e como o eleito para primeiro chefe das suas terras, sendo transportado como um deus, entre danças e musicas, não deixando por isso de sentir desde logo o peso de tremendas responsabilidades, que jamais olvidará!

Christo foi recebido triunfalmente em Jerusalem. Seis dias depois crucificavam-no. Por esta ocasião no Loxico (Lunda) o gentio recebeu com aparente satisfação a ocupação. Dias depois, caíram de surpresa sobre a descuidada guarnição, massacrando algumas praças e o valente alferes Macedo, vitima da sua confiança.

Com efeito, a esta hora só o dembo, em nome da vida salva a seus filhos, salvava tambem David Magno de ser massacrado com os seus companheiros.

Isto foi verificado *sponte sua* quatro anos depois pelo capitão mór, o qual escreveu; «*David Magno, quando para aqui veio, esteve para ser recebido a fogo. Creio que o evitou o dembo*».

No dia seguinte 28, este oficial desconfiando, pela brusca ausencia de muitas mulheres que se teriam modificado os sentimentos do gentio, devido á desilusão que tiveram do poderío portuguez, á vista de tão diminuta força, esse comandante, não querendo, para ser recebido pelo dembo, sujeitar-se a esperar como um hospede e tomando isto mais á conta de forma do gentio tomar o pulso ao novo chefe, do que a escrupulo de violarem a tradição, embora fôsse preciso juntar os sóbas das terras distantes, julgou que tentariam pôr-lhe á solução este terrível dilêma:— *Ou a ocupação com humilhação ou uma estrondosa tragedia*.

Então esse oficial em vão olhou á volta de si, a vêr se alguem o aliviáva com um conselho, alvitre ou interferencia de «fazes bem ou fazes mal», porque não era dado possuir esse lenitivo mais precioso do que se julga, do qual nos momentos supremos se socorrem todos os chefes que dispõem de um Estado Maior, ou pelo menos de um Ajudante para os coadjuvarem moral e materialmente.

Diz o livro de Paiva Couceiro «Angola-1910», a pag. 35: «*É no mato, sósinho, entregue a si proprio, que o homem se mostra quem é*»,

O comandante era ali tudo: o representante da raça e da soberania, o chefe civil e militar da região directamente subordinado ao governador geral, e director dos serviços administrativos, o engenheiro do forte, o medico, a lei, o árbitro da paz ou da guerra, antojando-se-lhe tudo isso sob multiplices aspectos, dependendo de um gesto seu um massacre e uma sublevação geral nos Dembos.

Do estremecimento politico, que mesmo assim neste momento sofreu a região, se falou em Loanda, de modo que o Quartel General de isso fez ciente o comando do Lombige, telegrafando-lhe em cifra.

*

*

*

Portanto, ácerca da recepção pelo dembo, o comandante logo que reuniu os seus interpretes Vandunem e Faria, e mais ambos os secretarios do dembo e os famigerados chefes de guerra Afonso (major) e Capita (capitão) dirigiu-se a êles sem elevação de vós (para não julgarem que seria energia só de bôca) e com gesto decisivo e a ameaça nos olhos, perorou-lhes:

— *O dembo faltou a receber o representante da raça branca e da soberania portugêsa! Vão dizer-lhe, aos Conselheiros de Estado e a quem quizérem, que passadas duas horas vou á «embála» com os meus quarenta e quatro companheiros fazê-lo sair do tabernaculo em que o pretendem conservar.*

Diz Ellick Morn, psicologo norte-americano: «A energia não tem caractéres exteriores e é pelo contrario frequentemente acompanhada de calma e doçura».

Diz mais um professor de pratica de sciencias psiquicas, no livro «Magnetismo Pessoal»: «O homem que possui a maior energia não é aquele que cerra os dentes, que retêza os musculos, que faz uma carêta feia e se atira rudemente á sua tarefa. Esse triunfará talvez, mas desperdiça energia e nunca poderá rivalizar com o homem sereno, inteligente e que tem plena confiança em si proprio».

Depois de proferida aquela sentença, esse official agitava-se pensando no que iria ser de esse punhado de soldados, dez leguas a dentro das matas, no cume de montanhas eriçadas de inimigos, sem carregadores e sem socorro nem comunicações?

A pag. 435 das publicações da Imprensa Nacional de Loanda vem uma «Exposição sobre o Lombige» — 1908, que diz: «O Caculo Cahenda pode dispôr de mil espingardas de pronto, sem sair da sua banza e sanzálas proximas». Todas as informações, cálculos e provas posteriores confirmavam este poder do Caculo. Mas, por isto e para não denuciar a critica situação em que se meteu, esse official havia de submeter-se a um regulo?

Os impetos e as audacias são esquecimentos repentinos da prudência e da sensatez; tanto são uma grande virtude quando se ganha, como um grande defeito quando se perde.

A bôca amargou-lhe como fel e os soldados empalideceram ao imaginarem o que iria sair deste *ultimatum* mas, como a sorte nunca abandonou esse oficial em Caculo Cahenda, bastou tomar a decisão de mandar formar e carregar para fogo de repetição á vista do gentio, para adquirir um prestigio que havia de acompanhá-lo pelos anos além.

De aí a pouco o brilho do sol deixou de parecer tão rubro. As péles de gibóia das «puitas» ou dos batuques (instrumentos de guerra em forma de canhão, que figuram hoje no Museu de Loanda, junto da Inspeção de Agricultura) começaram a convocar o povo, os sons sinistros dos clarinetes gentílicos a anunciar o aparecimento do dembo, o grande tambôr a chamar os ministros e o clarim da banza a espalhar notas marciais.

«Como tivesse urgência de me avistar com o dembo fi-los romper com as praxes». (Assim comunicou modesta e metaforicamente ao Quartel General pela nota n.º 428 de 3-10.º e consta de pag. 77 do Relatório).

Um capitão mór ha de vir a ufanar-se oficialmente de aguardar dentro da fortaleza a visita deste maior dembo! Quantas vezes mais para considerar não é então este gesto de um oficial que em Caculo Cahenda, se alguma fortaleza encontrou, foi sómente a do seu peito descoberto?

São vulgares por toda a parte os exemplos de humilhações patrióticas, como meios de alcançar os fins, tal como o espião que se presta a servir a sua Patria exercendo os mestéres mais baixos, mas o que um oficial pode sofrer pessoalmente jamais deverá consentir que o sofra nma força armada. Por isso, aquele comandante, assim, naquele dia jogou a sua vida e a dos seus soldados.

Nessa primeira audiência «o maior dos Dembos» ergueu-se a distancia para saudar e receber o seu novo chefe e deu-lhe lugar á direita, mas em vista de dar aí o sol, que faiscava por entre a ramaria, esse oficial contemporisador com alguns olhares de espanto dos cortezãos, que tinham receio que o seu idolo ficasse desde logo exautorado, passou para a esquerda, para se colocar igualmente sob a umbéla que dêsse lado cobria o pequeno sultão.

Entretanto, o dembo, do meio do grande cerimonia, arre-mêdo da antiga côrte do Congo (pragmatica que teria de aceitar todo o que não fôsse leviano ou indelicado) não se esqueceu de que esse official era seu chefe, porque não se sentou no seu trono, sem que David Magno, lhe dissésse:

— *Dembo, sentai-vos!*

*
* *
*

Em 2 de outubro repetiu-se esta grande scena teatral, em que o dembo egualmente com o rosto enfarruscado e quasi oculto em adornos, mal deixando vêr os seus olhos inteligentes, com uma antiga farda de marechal bordada a oiro, uma artistica pistola de metal amarelo, uma péle de onça sobre o saio, de botas calcando um largo tapete em que ajoelhavam os pagens portadores das suas espadas e sob uma umbéla es-carlate, novamente recebeu David Magno e os seus companheiros na sua embala com a gravidade e ceremonial com que um soberano recebe um embaixador de uma potencia estrangeira, achando-se agora já reunidos todos os seus sóbas e conselheiros que um por um vieram ajoelhar diante do dembo, como diante de um deus, rosto a tocar a terra e gesto de que a cabeça deles pertencia ao dembo, sendo em seguida apresentados a David Magno, proclamando o dembo:

— Eis o novo chefe de todos e o salvador da vida de meus filhos.

Os soldados vestiam de kaki; os europeus com o marcial e comodo chapéo de abas, e os indigenas com o seu cofió encarnado, achando-se ali municidados com cinco mil e duzentos e oitenta cartuchos. O chefe da região apresentava-se, tambem, como na primeira audiencia, de barba sertaneja, com o segundo uniforme azul e encarnado do exercito metropolitano, o dito chapéo á norte-americana, espada e pistola (vindo isto a pêlo, para se poder reconstituir um dia, quanto possivel, este quadro.

A' sombra dessa umbéla (que se guarda no referido Museu de Loanda), esse official proferiu o seguinte discurso, transcrito textualmente da nota n.º 428, enviada ao Quartel General no dia seguinte:

“— Maior dos Dembos! Agradeço-vos a vossa amizade ao

governo, que é bom e que, para vosso chefe, escolheu um homem amigo dos africanos. Correspondendo a essa amizade ofereço-vos este presente e uma farda, como nenhum sóba nem dembo ainda tem. Eu não quero fazer-vos mal, mas ser vosso amigo, para o povo ser amigo de nós. Trocareis o vosso café, feijão e gado, pela nossa aguardente, peixe, fazendas e sal. Logo que o forte esteja pronto, veremos se é preciso fazermos guerra aos vizinhos rebeldes. Entretanto, socegai, porque aqui já ninguém virá atacar-vos. Se até hoje tinheis força, mais passais a ter com a nossa protecção. A prova de que sou amigo do povo de Caculo Cahenda, deivo-la salvando do Cavunga Capacaça os vossos filhos. Agradeço-vos e ao vosso povo a recepção que me fizestes».

A' volta desta historica e unica audiencia, impressionante e fantastica, digna de ser perpétuada por um pincel, centenas de mulheres nuas, ou exactamente tão cobertas como Eva, muitas délas esculturais (contrastando com os rostos feios e canibalescos da maior parte dos homens), soltavam exclamações selvagens, fazendo côro com uma musica terrificante e assistiam ás danças do dembo e dos sóbas, pavoneando-se estes magnates nos seus mantos, simulando combates com as fêras. Ao mesmo tempo que uns «menores» cobriam o dembo com a umbêla, á moda de sultão, outros espanaram o terreno que havia de pisar, e finalmente, o augur-mór afugentava afanosamente os feitiços . . . espargindo o chefe, as tropas e o povo.

Findos os discursos, achando-se alguns sóbas sob a influencia da seiva de palmeira, ou antes desiludidos por verem apenas vinte europeus e mais vinte e quatro indigenas (quasi todos landins, valentes, destemidos e dedicados) reclamaram aguardente e polvora «*senão . . . os soldados ficam entregues!*»

Deu isto logar a que o dembo mais se apressasse a ir com os seus sóbas ao nosso acampamento, então ainda no alto da banza, pedir desculpa para os renitentes.

Entretanto e posto que o dembo não ostentasse a sua força, prova simultanea do seu nenhum receio de tão poucos soldados (embora se lhe dissêsse que aquele punhado de portugueses representava apenas a guarda avançada de recursos inexgotaveis!) seguiu imediatamente para o Quartel General um telegrama em cifra, pedindo um reforço minimo de mais vinte praças europeias.

Os soldados, apesar de carregados com cento e vinte cartuchos cada um e de preparados para fogo, desconfiando ainda de que mais homens da terra estivessem escondidos, saíram daquele espetáculo estarrecidos e invocando logo a mulher e filhos do comandante, imploráram-lhe que retirasse porque *«eles são tantos e nós tão poucos, que não chega um bocadinho de carne de soldado para cada gentio»* (como consta dos depoimentos do processo, na Promotoria do Conselho de Guerra); ou quando não quizesse retirar, quando não receiasse um desses vulgares massacres traiçoeiros, imploravam do comandante que pedisse mais tropas.

(Continúa).

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Camions «fabricas de gelo» na frente. — Sobre os camions frigoríficos em campanha, diz um jornal alemão :

«Manter frescos os viveres em uma campanha de posições, e mais ainda, tendo que permanecer varios estios na mesma situação, tem tanta importancia na frente, como no interior do proprio país.

«O emprego do frio, apresenta grandes dificuldades em campanha. Em muitos casos, tem-se procurado melhorar a situação, acumulando gelo natural em armazens muito proximos da frente. A construção destes «armazens frigoríficos de guerra» é muito limitada, já pela impropria situação topografica, de grande extensão, da zona de operações para as estabelecer, como por estar o seu uso subordinado ás contingencias dos movimentos da frente e a outras causas. Ha, portanto, que reconhecer, á tecnica alemã, do frio, o acerto de haver satisfeito, em curto prazo relativamente, ás novas exigencias, com a construção de *camions produtores de gelo*.

«Segundo a revista *Industria do gelo e frio*, estas novas maquinas podem produzir o necessario gelo artificial em todos os sitios onde a construção de uma fabrica permanente se torne impossivel, especialmente nas proximidades da frente. Todos os aparelhos e accessorios deste maquinismo são guardados e transportados em um pesado camião automovel. A produção do gelo efectua-se com o auxilio de um motôr independente do de benzina que dá a força motriz ao camião, e pode assim proseguir o seu trabalho estando ainda a viatura em marcha. Para facilitar a distribuição do gelo produzido, abrem-se as paredes laterais e da frente, formando uma especie de plataforma que se orna comodamente acessivel a qualquer a instalação».

Belgica

Composição do exercito. — No principio da guerra atual, o efectivo total mobilizado deste exercito era de 214:000 homens; esta cifra decompunha se nas seguintes :

Exercito de campanha, 100:000 homens; exercito de fortalezas (guarnições de Anvers, Liège e Namur) 92.000; guarda civil, 4:000; voluntarios, 20:000.

O exercito de campanha constava de 6 divisões de exercito e uma de cavalaria.

A divisão de exercito compreendia: 3 brigadas mixtas (as divisões 3.^a e 4.^a tinham quatro); um regimento de cavalaria; um batalhão de engenheiros; uma secção de telegrafos; um corpo de transportes (de que faziam parte as

colunas de munições e as de ambulancia, assim como os trens de viveres e bagagens) e um grupo de gendarmeria.

Cada uma das 20 brigadas mixtas, compunha-se dos regimentos de infantaria (a três batalhões de 4 companhias); 3 baterias de artilharia (12 peças); uma companhia de metralhadoras e um pelotão de gendarmeria.

A divisão de cavalaria contava com duas brigadas desta arma (4 regimentos); um batalhão ciclista; 3 baterias de artilharia (12 peças); uma companhia ciclista de engenheiros; uma secção de telegrafos e um corpo de transportes.

Estados-Unidos

Novo processo para obter aço. — Diz o *Scientific American*, correspondente a 19 de agosto ultimo, que uma empresa inglesa solicitára patente, nos Estados-Unidos, para um novo método para obter aço para ferramentas, cuja composição é diferente da dos aços até aqui empregados. Ao que parece, no fabrico dos novos aços de que se trata, não ha necessidade de empregar cromo, cobalto, tungsteno, molibdeno, vanadio, etc., que atualmente figuram na composição dos aços. Não se diz quais são os corpos por que são substituídos; mas assegura-se que são substancias baratas e abundantes, ou facéis de adquirir em qualquer estabelecimento metalurgico de ferro.

Outra vantagem atribuída aos novos aços é a de os tornar muito economicos. O metal funde-se em barras de dimensões convenientes para utensilios ou ferramentas que se tratem de construir.

Diz-se que em Sheffield se tem já feito ensaios demonstrativos da boa qualidade destes aços com muito bom resultado.

Considera-se o invento de grande utilidade, calculando-se que o novo aço pode substituir em 75 % o consumo total do aço de ferramentas atualmente empregado em diversos usos e applicações.

Exportação de gado. — O governo inglês deixou de comprar cavalos e muares no mercado americano. Cem mil animais foram exportados nos ultimos meses. Só o mercado da cidade de Kanzes, enviou 60:000 cavalos e 120:000 muares para o exercito inglês.

Os veterinarios julgam que decorrerão alguns anos antes da provisão de solípedes poder ser novamente sujeita.

França

Recrutamento de indigenas. — Por decreto de 15 de agosto ultimo, foi autorizado que os indigenas da Indo-China e de Madagascar, que o desejem: possam alistar-se pelo tempo que durar a guerra atual e mais 6 meses, com o fim de serem empregados exclusivamente como operarios nos trabalhos relacionados com a defeza nacional.

Ficarão sujeitos á disciplina militar e ao codigo de justiça militar, e deverão servir fora da sua colonia de origem.

Além do jornal diario, receberão quotas de alistamento, e até os postos de cabos e sargentos, se se mostrarem merecedores, o jornal será aumentado periodicamente.

Os indígenas que contraíam enfermidades por motivo de serviço, receberão pensões especiais.

Italia

A despopulação e a guerra. — O professor da Universidade de Roma, G. Sergi, estudou na «Nova Antologia», a influencia das guerras na despopulação dos povos.

Para o demonstrar, expõe que bastantes nações sofreram o fenomeno da esterilidade, depois de grandes guerras, chegando algumas a extinguir-se para sempre. Assim succedeu na Italia, no segundo seculo antes de Cristo, na França no reinado de Luís XIV, em Espanha no tempo de Carlos V e Filipe II, devido ao esgotamento produzido pelas continuas guerras.

A Caldea, a Assiria, a Persia e o Egito, que tiveram longas e exterminadoras guerras, quasi sem intervalos de paz, extinguiram-se para sempre, sendo hoje deserto o que outr'ora eram cidades opulentas e campos cultivados.

Não se deve julgar que o fenomeno seja só devido a que com a guerra se destroem vidas em plena juventude, que são naturalmente as mais adequadas para a fecundidade, mas ainda que deriva tambem dos desequilibrios mentais e de sentimento, dos transtornos psicicos e nervosos, das enfermidades de todas as especies e das péssimas condições economicas que são consequencia inevitavel das guerras.

Rumania

Artilharia. — A entrada em acção da Rumania, tomando parte por sua vez na actual contenda europeia, deu logar a que a imprensa estrangeira publique dados, noticias e referencias do exercito em geral e da sua artilharia em particular.

Acerca desta ultima, o redactor de *La France Militaire*, que subscreve os seus artigos com o pseudonimo «Gribeauval», publica um trabalho do qual extratamos o seguinte :

O material moderno de artilharia é da fabrica alemã (Krupp), e a sua peça de campanha é de 75^{mm} Krupp Mod. 1906 e 1912. Esta peça, (diz o mencionado articulista), é todavia superior ao modelo regulamentar alemão, por ser mais moderno e ter recolhido para a sua construção os ultimos progressos industriais.

A rapidez do fogo é de 20 tiros por minuto e a velocidade inicial dos seus projecteis é de 500 metros. Emprega dois projecteis: um chamado *unitario* e o shrapnel.

O primeiro, segundo parece, possui tambem uma eficacia superior ao similar alemão; pesa 6,5 kilos e contém dentro um certo numero de balas aglomeradas (na periferia) e uma carga de explosivo (no centro).

Quanto ao shrapnel, é completamente analogo ao francês, do qual não difere senão no numero de pequenas balas — que é de 270 — e no peso de cada uma delas — que é de 11 gramas. O numero total de bôcas de fogo deste modelo que possui o exercito rumeno é de 650.

Além disso, pode o exercito mobilizar os seus antigos canhões de 87

mod. 1880, que são suscetíveis de prestar serviços analogos aos que presta o canhão francês de 90^{mm}.

O material de artilharia pezada, compõe-se de obuzes ligeiros e pezados, além de ter tambem diversos tipos de canhões, obuzes e morteiros de diferentes calibres.

O obuz ligeiro é do calibre de 105 de tiro rapido e modelo Krupp 1912. Da mesma forma que o seu *congenere* alemão, lança um projectil unitario, sendo este o seu unico projectil. Este pesa 14^{kg}. e contém dentro proxima-mente umas 400 balas de 13 gramas de peso cada uma, e 300 gramas de explosivo.

O obuz pezado tem 150^{mm} de calibre tendo saído das oficinas de Schneider (Creusot). Lança um projectil explosivo de 40^{kg}.

Figuram depois canhões comprados e outros de 120^{mm}, que constituem a base da artilharia pezada de campanha.

E por ultimo, devem-se mencionar as peças de artilharia de material antigo que são, sem duvida, suscetíveis de prestar bons serviços, tais são o obuz de 120^{mm} modelo de 1888, a peça de 120^{mm} modelo 1885, o morteiro de 120, mod. 1885, a peça de 105 mod. 1891 e o obuz de 210 mod. 1888.

Quanto á artilharia de montanha, está dotada de material Schneider, de 75^{mm} de calibre, de tiro rapido, que lança o mesmo projectil que o canhão de campanha, com a velocidade inicial de 550^m.

DIVERSOS

O primeiro ardil de guerra de Napoleão I. — Em Ajaccio, lugar onde nasceu Napoleão Bonaparte, existia de velha data, uma manifesta rivalidade entre os rapazes da cidade e os da comarca circunvizinha, rivalidade que foi aumentando de dia para dia até chegarem a vir ás mãos. Depois de encarniçada luta, os camponeses mais vigorosos que os seus adversarios, pozeram fim á jornada com uma vitoria completa.

A este primeiro encontro sucederam muitos outros, em que egualmente foram favorecidos pela sorte os vencedores do primeiro combate. Napoleão, tendo a idade de 12 anos, sentiu profundamente humilhado o seu amor proprio ao vêr as continuas derrotas dos seus companheiros, e, com um golpe de mestre, decidiu pôr termo ao orgulho insolente dos camponeses que, de cabeça levantada, passeavam os seus triunfos por Ajacio.

Napoleão nunca havia tomado uma parte activa nas escaramuças, mas, afim de obter o que propunha fazer, resolveu ocultar-se em um sitio donde podesse dominar completamente o *campo de batalha* e observar a seu sabor os métodos de combate empregados pelos seus inimigos.

Conhecedor do que ele imaginou ser o segredo do exito dos seus adversarios, reuniu varios dos seus mais intimos amigos—aqueles que julgou serem os mais aptos para secundar o seu plano—e explicou-lhes a sua ideia.

Acolhida esta com entusiasmo, resolveram pôl-a em pratica imediatamente, e, acto continuo, constituiu Napoleão uma comissão para preparar o *aprovisionamento de projecteis* e dispôl-o pela forma que ele queria.

Levou-se isto a cabo sob o maior sigilo e da maneira seguinte: A arma

mais vulgarmente empregada por uns e por outros, havia sido o pau. Napoleão mandou recolher quantas pedras de tamanho regular fôsse possível, e enterra-las ou melhor, cobri-las com areia ao pé do rio que limitava o campo d'acção escolhido por ele. Esta operação fez-se durante a noite, de modo que ninguém teve conhecimento do estratagema.

No dia seguinte, lançou Napoleão aos camponeses o cartel de desafio, e estes, seguros do seu triunfo, aceitaram-no logo.

Iniciada a luta, Napoleão resistiu durante algum tempo no mesmo local, e depois, lentamente, passo a passo, começou a retroceder até ao campo escolhido e preparado com tanto cuidado por ele. Momentos depois, tomou o aspecto de uma derrota, e os subordinados de Napoleão, que até então haviam cedido o terreno palmo a palmo, voltaram de repente as costas e deitaram a correr, seguidos de perto pelos camponeses que gritavam com toda a força: «Vitoria. vitoria»!

De repente os fugitivos deteram a sua carreira á voz do comando do seu chefe, e antes que os adversarios podessem compreender do que se tratava, inclinam-se, escavam a areia e agarraram a enorme quantidade de projecteis que tinham ocultos, lançando um tal chuva de pedregulhos sobre os adversarios, que em breve, a anunciada vitoria se converteu na mais formidável derrota, tão completa e decisiva que os camponeses nem sequer tentaram a desforra.

Assim ganhou a sua primeira batalha o *pequeno Napoleão*, e foi este ardid o primeiro revelador do grande genio que mais tarde devia assombrar o mundo inteiro.

A geologia nas viagens de reconhecimento da cavalaria. — É sabido que a estratégia e a tactica só se diferenciam no seu raio d'acção, pode estabelecer-se, por tanto, proporcionalmente, que a Geografia está para a Estrategia, como a Topografia para a Tactica, e do mesmo modo que na actualidade temos visto casos em que a sorte ou destino de um país, militarmente considerado, depende muito da sua situação geográfica, também a natureza do terreno ha-de influir poderosamente, e por isso a Geologia em geral, e a Geognosia em particular, ditarão regras precisas e determinadas que é necessario não olvidar e sempre ter em conta.

Não se trata de exigir que os officiais sejam geólogos, mas, se a Geologia, na sua acepção mais lata, é a sciencia que estuda a estrutura da crsta terrestre, ha que tirar dela, por meio de investigações, os dados que ao militar sejam convenientes e que procedem dos materiais que formam a arquitectura da terra, e são de um valor inapreciável, posto que os assuntos militares e o terreno constituem uma cadeia, cujos elos nunca se podem quebrar.

Pela obrigação que temos de estudar constantemente, e cada vez mais, tudo o que se relaciona com a nossa profissão, estamos no dever de profundar os regulamentos, já que só em certas ocasiões se podem tratar as coisas na sua essencia.

Assim, pois, vemos no tomo IV da tactica *Reconhecimentos de combate*, numero 47, exigencias muito importantes, ás quais hão-de satisfazer as tropas de cavalaria ao passar de ordens de marcha á de concentração, ou seja executar na direcção do adversario varios reconhecimentos tacticos; cobrir-se com

patrulhas de proteção e praticar *minuciosos* reconhecimentos do *terreno*, sob dois pontos de vista essenciais, quanto ás suas condições *para a manobra e o ataque*, e sua *praticabilidade*. A respeito desta última, acrescenta: «Ha-de manter-se a segurança de que não se lançam as tropas atravez de um campo d'acção impraticavel». E, já finalmente, nos diz o n.º 48: «Todos estes reconhecimentos constituem meios de informação ao alcance do chefe principal e que as circunstancias o obrigam a utilizar. Começa a obrigação importantissima deste chefe, logo que se entra na zona de acção do combate proximo, adiantar-se ás suas tropas, ganhar as cristas das encostas, os pontos culminantes donde se possa descobrir mais horizonte e reconhecer melhor o terreno e o inimigo, ampliar e constatar com as suas observações pessoais, as noticias que lhe vão fornecendo os officiais de reconhecimento, patrulhas e exploradores do terreno, e irá determinando, em vista de todos os dados e noticias accumuladas, o plano de ataque e as zonas de marcha gerais das tropas e as particulares dos diferentes grupos, para alcançar a sua respectiva posição de ataque».

Pelo que fica transcrito, e fundando-nos no dito texto legal, foco do qual irradiam as iniciativas, encontramos uma ordem de soluções.

Estudemos o terreno. Referindo-nos aos agentes importantes da mecanica terrestre externa, observamos que a acção continuada das aguas sobre o feldspato decompõe-o para formar um hidrosilicato de alumina que constitue a argila. Estas aguas, correndo sobre o terreno e com a dita argila, formarão barro, que nas épocas de chuvas pertinazes, tornarão intransitaveis os caminhos e as suas imediações, e, aderindo ao calçado das tropas apeadas, tornarão a sua marcha difficil e penosa, e nos solípedes e nas rodas das viaturas produzir-se-hão escorregamentos que podem ser perigosos; não haverá, geralmente, correntes d'agua, e se estas existirem, não serão potaveis; a paisagem será alternada de rochedos e pastos e o simples olfato nos descobrirá a determinadas distancias as terras argilosas, com todos os seus inconvenientes.

Os caminhos em terrenos graníticos não se destroem nem variam facilmente, porque as areias, atuando como um filtro, deixarão passar as aguas, e as fontes, que secarão com o calor, serão potaveis; a viabilidade pelos referidos caminhos e suas proximidades, estará em boas condições; em compensação, por causa da firmeza do sub-solo e no caso de ter que abrir trincheiras, não poderão adquirir grande profundidade e o parapeito, pelâ sua pouca espessura, não os defenderá suficientemente do fogo inimigo e haverá que procurar a compensação, passando da crista militar para a topografica.

Nos terrenos calcareos os caminhos não serão permanentes, as aguas não reúnem as devidas condições de potabilidade e a paisagem é agreste.

Os terrenos de aluvião são movediços e de má qualidade para a permanencia de caminhos.

E, se generalizarmos, o conhecimento do terreno demonstra-nos, por dedução, a resistencia dos edificios, abrigos ou obras de fortificação nele abertas, posto que os materiais que se empregam na construção, são os que o mesmo proporciona, ou as suas imediações, pormenores que são de um valor inapreciavel para os fogos da propria artilharia.

Se existirem planos do Estado Maior, quer de guarnição, regionais ou gerais, tendo na sua execução coordenado a geologia, facilitar-se-ia o traba-

Iho e tudo estaria previsto para as eventualidades; mas por não suceder assim, os oficiais de cavalaria nas suas arriscadas «viagens de reconhecimento» a curta ou larga distancia, nos itinerarios e sobretudo nos desenhos panorámicos, devem indicar graficamente a especie de terreno em que operem ou observem, com o que facilitarão imenso em campanha as concepções ou decisões do comando.

(Do *Boletim del Ejercito*, de Cuba).

Dificuldade do tiro contra aeroplanos. — Na *Revue militaire suisse*, appareceu um artigo que trata desta questão, no qual o seu autor, o 1.º tenente Dubois, põe bem em relevo os principais factores que figuram no tiro contra aeroplanos, e que o tornam difficil e singularmente inefficaz: Passa para isso em revista as circumstancias do tiro obliquo, unico praticavel para este caso. No dito tiro a alça não corresponde á distancia real, sendo, portanto, a trajectoria correspondente a uma determinada distancia, diferente da que resultaria para a mesma no sentido horizontal. Assim, por exemplo, se um alvo no terreno se encontra a 1:500 metros de um atirador, a alça colocada no algarismo 15 permitirá que a bala bata no dito alvo; mas, supondo agora um aeroplano voando á mesma distancia, verticalmente por cima do atirador, não poderá alcançar-se a maquina voadora com nenhuma alça, embora supondo aquella imovel no espaço. Para atingir o alvo, será preciso atirar sem alça, fazendo com que a linha de mira seja paralela ao eixo do cano da espingarda, apezar disto não ser praticamente possivel, pois no caso mais favoravel formam as duas linhas um angulo, embora pequeno. Quanto mais se aproximar, pois, do tiro vertical, menos se poderá utilizar a alça. Terá que se empregar o tiro obliquo com certas correcções, que não alcançam senão certo grau de aproximação.

A dificuldade deste tiro torna-se mais patente se considerarmos que a superficie verdadeiramente vulneravel de um aeroplano é muito restrita. Geralmente não alcança mais de 6 a 8% da superficie total, e as alas podem ser atravessadas muitas vezes, sem impedir ao aeroplano continuar a sua marcha. Só no caso de ser alcançado o piloto se obterá seguro exito, o que é pouco provavel, por ser a maioria dos aparelhos dotados de blindagem d'aço cromado, de 4^{mm}, pelo menos de espessura, impenetraveis ás balas disparadas á distancia de 600 a 700 metros, e resistindo desde 1:000 metros ás explosões dos shrapnels. Maior probabilidade se apresenta de inutilizar qualquer orgão essencial, como helice, recipiente de essencias, etc. Um unico projectil pode, ao tocar qualquer destes orgãos, obrigar o aparelho a descer.

Para combater o aeroplano, far-se-ha uso, de preferencia, da espingarda, de outras armas mais estaveis e menos sensiveis ás influencias exteriores do combate, de armas que podem bater um certo espaço em um tempo curto, com grande numero de projecteis, tais como a metralhadora, capaz de perseguir o alvo com o seu feixe de balas, e com os shrapnels, lançando os seus fragmentos em todas as direcções.

Embora os erros de pontaria subsistam no tiro com as três especies d'armas indicadas (espingarda, metralhadora, peça), são menos sensiveis nos dois ultimos casos por causa de maior densidade dos gazes e da maior extensão da zona perigosa.

No tiro obliquo, as qualidades balísticas que o projectil possui, variam mais rapidamente do que no tiro horizontal, principalmente por causa da influencia da altitude e da acção do vento. O sr. Dubois analisa no seu estudo o defeito destas duas causas. Com respeito á primeira, sabemos que o ar se rarefaz á medida que nele nos elevamos, sendo a sua densidade tanto mais fraca quanto maior é a altitude. As diferentes camadas de atmosfera, não teem além disso, a mesma proporção d'agua, variando esta, segundo a hora do dia e as variações da temperatura. Atravessando estas diferentes zonas, o projectil encontra uma resistencia variavel, perde a sua velocidade e diminue, portanto, a energia cinetica que possui.

Esta perda de velocidade tem mais importancia no tiro contra aviões do que no tiro contra alvos no terreno, pois emquanto que no tiro horizontal a velocidade diminue na parte ascendente da trajetoria e aumenta, pelo contrario, a cada fracção de segundo no ramo descendente da parabola, no tiro obliquo a bala perde velocidade na sua ascensão constante. Estas variações da velocidade, embora não sejam muito sensiveis, influem no alcance, permitindo a um alvo muito movel sair mais facilmente da zona perigosa.

As diferenças de densidade das camadas d'ar originam erros na observação do alvo. Basta para isso recordar os efeitos de miragem observados ao olhar para um objecto colocado por detraz dum fluido ou de um solido transparente de densidade distinta da do meio donde se observa.

O objecto pode ser deformado ou visto em direcção diferente á que realmente corresponde.

As camadas d'ar aumentam de densidade ao aproximar-se do solo, o que impede a propoção dos raios luminosos em linha recta, sendo esta substituida por uma linha quebrada, por serem os angulos de refração menores que os de incidencia, e produzindo para o observador, o efeito de vêr o objecto mais elevado do que na realidade está.

Este fenomeno de refração é muito variavel conforme tenham as camadas d'ar superiores ou interiores mais ou menos densidade, que depende da temperatura e do momento de observação. Tem-se dito que no tiro contra aeroplanos podia ter importancia este fenomeno de optica, visto que os aeroplanos passam relativamente muito proximos de nós em relação á espessura de atmosfera.

Outro fenomeno, observado por todos aqueles que teem assistido ás evoluções dos aeroplanos e que convém tomar nota, é a invisibilidade do alvo a uma certa altura. Á altitude de 2:000 a 2:500 metros, ainda em tempo muito claro, é quasi impossivel descobrir o pequeno ponto imperceptivel que forma o aparelho, perdendo-se no ceu.

No tiro horizontal, pode-se calcular a derivação e corrigir o tiro. No obliquo e vertical é muito difficil calcular a derivação, pois o projectil atravessa antes de bater no alvo, diferentes camadas d'ar, mas que são muito variaveis a velocidade do vento e ainda a sua direcção, para que se possa pensar em calcular e corrigir as perturbações que originam.

Ensinamentos e opiniões. — Sob a epigrafe *Le rôle d'infanterie* publica *La France militaire*, um pequeno escrito cuja sintese tem por fim assentar o principio de que o papel da artilharia aumentou consideravelmente na guerra

moderna, e que a este o articulista participa da opinião geral de que nunca se fabricaram bastantes canhões e munições. Mas, sem que isto deixe de ser verdade, não o é menos que a artilharia por si só não resolve todos os problemas e que convém que a opinião não se extravie, crendo que a infantaria perdeu em importancia ou passou a desempenhar um papel secundario. A infantaria—diz— deverá trabalhar, certamente, com o concurso de uma poderosa artilharia, mas nem por isso poderá evitar fazer esforços violentos e custosos na luta que sempre ha-de ter que sustentar.

Em resumo: uma grande operação exige a acção duma artilharia formidavel, mas exige mais imperiosamente uma numerosa infantaria que remata a acção e consolida o exito. Por outros termos: a ultima palavra pertencerá sempre á infantaria, e isto se apreciará melhor depois da guerra.



BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

França

- 1 *Règlement provisoire de manœuvre de l'artillerie de montagne*. Approuvé par le ministre de la guerre, le 14 novembre 1912. Titre I, Bases générales de l'instruction. Titre II, Instruction à pied. In-12, VIII-127 p. avec fig. Henri Charles Lavauzelle. 124, boulevard Saint-Germain. Paris. 1916. Fr. 1,75
Ministère de la guerre.
- 2 *Reims et la Marne*. Almanach de la guerre, 1914-1915, publié par Jules Malot. Edition 1916. In-8, 656 p avec grav., carte et planches. Société française d'imprimerie (L. Cadot, directeur), 12, rue de la Grange-Batelière. Paris. 1916 (5 onai).
- 3 CLADEL (Judith) — *Le Général Gallieni*; Préface de Gabriel Hanotaux, de l'Académie française. Avec un portrait. In-8, XII-134 p. impr. et libr. Berger-Levrault. Paris. Fr. 2
- 4 DAUDET (E.) — *Les Auteurs de la guerre de 1914*: I: Bismarck. In-12, 288 p. Attinger frères, éditeurs, 2, rue Antoine Dubois. Paris. Fr. 3,50
- 5 HANOTAUX (G.) *Histoire illustrée de la guerre de 1914*: Fascicules 37, 38, 39 et 40. Quatre fascicules in-4 de 24 p. de texte et d'illustrations. N.º 37, p. 233 à 256; n.º 38, p. 257 à 280; n.º 39, p. 281 à 296; n.º 40, p. 1 à 20 et feuilles de titre. Impr., G. de Malhekbe et Cie. Paris. Le fascicule, net, Fr. 1
- 6 *Nouvelle loi militaire*. Loi du 7 août 1913, modifiant la loi du 21 mars 1905. In-16, 28 p. librairie Vuibert, 63, boulevard Saint-Germain. 1915. Paris. 1915. Cent. 50
- 7 RIOU (G.) — *Journal d'un simple soldat*. Guerre. Captivité. 1914-1915. Préface d'Ed. Herriot. Dessins de Jean Hèles. 10^e mille. In-16, XXVII-252 p. libr. Hachette et Cie, 79, boulevard Saint-Germain. Paris. 1916. Fr. 3,50
Mémoires et Récits de guerre.
- 8 *Tablettes chronologiques de la guerre*. Sixième série: Janvier-février-mars 1916: 38 portraits, 8 cartes. Petit in-16, 165 p. impr. et libr. Larousse. Paris. 1916 (13 mai) net. Fr. 1
- 9 BAUDOIN (F.) ancien officier de réserve, juge de paix à Ruffec, maire de Couture-d'Argenson. (Deux-Sèvres). — *Histoire de la guerre*. Fascicule 27 et 28. 1916. Deux fascicules in-16 de 64 p. chaque. Impr. Th. Martin. 24, rue Saint-Symphorien. Niort. — Le fascicule. Cent. 25
- 10 DESTRÉE (J.) membre de la chambre des représentants de Belgique. — *L'Effort britannique*. Contribution de l'Angleterre à la guerre euro-

- péenne. Août 1916. Février 1916. Préface de Georges Clemenceau. In-16, xii 277 p. Libr. d'art et d'histoire. G. Van Oest et C^{ie}, Paris. édit 1916. Fr. 3,50
- 11 *Deux mois de campagne en Serbie*. Journal de route d'un officier jurassien. (Octobre-novembre 1915). In-16, 71 p. avec planche. Impr. Mersch ; Libr. de l'armée, 41, avenue de la Motte Piquet. Paris. 1916. (23 mai). Fr. 1,25
- 12 *Service du pionnier allemand de toutes armes en campagne* ; (Projet du 12 décembre 1911). Traduction du texte allemand faite à la S. T. G. In-12, xiii-280 p. avec figures. Impr. et libr. Charles-Lavauzelle. 124, boulevard Saint-Germain. Paris. 1916. Fr. 3
Ministère de la guerre.
- 13 TOLSTOI (comte Alexis). *Le Lieutenant Demianof. Récits de guerre*. 1914-1915. Traduction et préface de Serge Persky, 2^e mille. In-16, xi-301 p. librairie Payot et C^{ie}, 106, boulevard Saint-Germain. Paris. Fr. 3,50
- 14 WILLEMS (ch.), médecin de régiment de première classe, professeur agrégé à l'Université de Gand, chirurgien en chef de l'hôpital la Biloque. — *Manuel de chirurgie de guerre, 84 figures originales*. Petit in 8, iii-353 p. éditeurs Maloine et fils, 27, rue de l'École de Médecine. 1916. Paris.
- 15 VAFFIER (E.) — *La Bataille morocaine*. L'œuvre du général Lyautey. In-12, 87 p. Impr. et libr. Berger-Levrault. Paris. 1916. Cent. 60
Pages d'histoire. 1914-1916. 1^{re} série, i. N.° 103.
- 16 *Livre de prières du soldat catholique*. Petit in-16, 237 p. avec grav. et une grav. (23 mai) 1916. Impr. Mersch. Œuvre des campagnes, 2, rue de la Planchette. Paris. Cent. 30
- 17 TASSY (R. J. J.), docteur en médecine, médecin aide-major des troupes coloniales. *Hygiène d'un bataillon de chasseurs en campagne* (thèse). In-8, 52 p. impr. Y. Cadoret, 17, rue Poquelin-Molière. 1916. Université de Bordeaux. Faculté de médecine et de pharmacie. Année 1915-1916. N.° 24.
- 18 VOGEL (E. A.) docteur en médecine, médecin aide-major des troupes coloniales. *Contribution à l'étude des froidures de tranchées* (thèse). In-8, 43 p. Y. Cadoret, 17, rue Poquelin-Molière. 1916. Bordeaux. Université de Bordeaux. Faculté de médecine et de pharmacie. Année 1915-1916. N.° 23.
- 19 CALOT (F.), chirurgien en chef des hôpitaux Rothschild, Cazin, de l'Oise, du dispensaire et de l'Institut orthopédique de Berck, médecin-chef des hôpitaux (Rothschild). *Orthopédie de guerre* (et Physiothérapie). I: Appareils-Fractures, etc. Avec 263 figures et 2 planches. In-8, iv-278 p. A. Maloine, édit, 25 27, rue de l'École de Médecine. Paris (7 juin) 1916. Fr. 7,50
- 20 Armée belge. Ministère de la guerre. *Premier supplément au «Recueil des dispositions principales relatives aux traitements, soldes, allocations et indemnités des officiers, sous-officiers et soldats»*. (Premier trimestre 1916). In-8, 61 p. impr. Albert Laine, rue des Basnages. Rouen.

Inglaterra

- 1 BAINBRIDGE (O.) *War Letters*. Cr. 8vo, pp. 204. *Cursitor Pub. Co.* 3/6
- COFFEY (Lieut. G. E.) *Notes on the Methods of Giving Fire Orders*. 18mo, pp. 38. *W. S. Paine* net 6d
- 2 *Colours of Infantry Regiments of the British Army*. Small 4to. *Gale & Polden* net 1/
- 3 *Colt Automatic Machine Gunners Handbook*. By Beaton Zone. Cr. 8vo, pp. 116. *W. S. Paine* net 2/6
- 4 CORBETT-SMITH (A.) *The Retreat from Mons*. Cr. 8vo, pp. 256. *Cassell* net 3/6
- 5 DAVIS (Richard Harding) *With the French in France and Salonika*. Cr. 8vo, pp. 240. *Duckworth*. net 3/6
- 6 *Dreeds that Thrill the Empire*. Written by well-known Authors. With a Foreword by the Rt. Hon. the Earl of Derby, K.G. Vol. 1. Folio, pp. 440. *Hutchinson* net 10/6
- 7 *Diary of the Great Warr (A)* By Samuel Pepys, Junr. Cr. 8vo, pp. 316. *The Bodley Head* net 5/
- 8 *Fleet Annual and Naval Year Book, 1916 (The)* Compiled by Lionel Yexley. Royal 8vo. *Chapman & Hall* swd., net 2/6; 4/
- 9 GORDON-SMITH (Gordon) *Through the Serbian Campaign*. 8vo, pp. 335. *Hutchinson* net 12/6
- 10 GRIBBLE (Francis) *In Luxemburg in Wartime*. Cr. 8vo, pp. 216 *Headley Bros.* net 5/
- 11 HORTON-SMITH (L. G. H.) *The Value of Sea Power*. Cr. 8vo, pp. 15. *Perthshire Courier* net 6d
- 12 HUN Hunters (The) *Cautionary Tales from the Trenches*. Cr. oblong. *G. Richards* net 2/6
- 13 «Hythe» *Series of Aids to Training (The)* No. 1. Infantry Drill and Attack. 8vo, swd., pp. 18. *W. S. Paine* net 6d
- 14 *Indirect Fire with Machine Guns*. By M. G. Cr. 8vo, pp. 114. *W. S. Paine* net 3/6
- 15 JANE (Fred T.) *The British Battle Fleet*. Its Inception and Growth throughout the Centuries to the Present Day. Vol. 1 and 2. New ed. Royal 8vo, pp. 338-297. *The Library Press* per set, net 21/
- 16 JANE (Fred T.) *The World's Warships*. New and complete ed. Pp. 191. *S. Low* net 2/6
- 17 JOHN BULL'S *Diary of the Second Year of the War*. Cr. 8vo, pp. 190. *Odhams, Ltd.* net 1/
- 18 JONHSON (Stanley C.) *The Medals of our Fighting Men*. Cr. 8vo, pp. 120. *A. & C. Black* net 3/6
- 19 LEONARD (R. M.) *The Army and Corruption. A Study in Blue Books*. Cr. 8vo, pp. 20. *Secret Commissions and Bribery Prevention League* 3d
- 20 *Making of an Officer*. By C. N. Cr. 8vo, pp. 88. *Hodder & S.* net 1/
- 21 MASEFIELD (John) *Gallipoli*. Cr. 8vo, pp. 183. *Heinemann* net 2/6
- 22 *Our Heroic Highlanders*. Royal 8vo. *Gale & Polden*. net 1/
- 23 POPE (Major E. W.) *The Canadian Officer's Guide to the Study of Military Law*. 18mo, pp. 120. *Methuen*. net 2/

- 24 *PRO Patria: A Guide to Public and Personal Service in War Time.* Vol. I. Royal 8vo. Bale net 3/6
- 25 *R.A.M.C. Depot Magazine.* Vol. I. Cr. 8vo. *R.A.M.C. Depot* (Aldershot) sub. per quarter, 1/1
- 26 *RANK at a Glance. And Badges and their Meaning.* In the Navy and Army. Cr. 8vo, pp. 48. Philip. net 2/6
- 27 *Reed's Seamanship. Revised and enlarged by G. M. Swainston.* Cr. 8vo, pp. 358. *T. Reed & Co.* net 3/
- 28 *ROSHER* (Harold) *In the Royal Naval Air Service.* Intro.: Arnold Bennett. Cr. 8vo, pp. 149. *Chatto & Windus* net 3/6
- 29 *SCANLAN* (Capt. A. A.) *Courts of Inquiry and Illegal Absence.* 16mo, pp. 49. *F. Groom & Co.* net 1/6
- 30 *SHAW* (Capt. Frank H.) *With Jellicoe in the North Sea.* 8vo, pp. 318. *Cassell* 3/6
- 31 *STACPOOLE* (Mrs. H. de Vere) *Practical Hints for V. A. D.* 18mo, pp. 46. *Hutchinson* net 6d
- 32 *Suvla Bay and After.* By Juvenis. (The Soldier Books.) Cr. 8vo, pp. 169. *Hodder & S.* net 1/
- 33 *WILSON* (Beckles) *In the Ypres Salient.* Cr. 8vo, swd., pp. 79. *Simpkin* net 1/
- 34 *With the Colours. A List of Chartered and Incorporated Accountants and their Clerks who are serving with the British Forces on Land and Sea.* 1914-1916. With a Preface by Sir Wm. Splender. Royal 8vo, pp. 104. *Gee & Co.* net 5/4
- 35 *WOOD* (Walter) *In the Line of Battle.* Cr. 8vo, pp. 239. *Chapman & Hall* net 6/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 10 de outubro de 1916. Reconstrução da Escola Naval e reorganização do ensino naval. Observações sobre a capacidade de transporte e velocidade dos navios de passageiros. O serviço de saúde em combate. Estudo técnico do navio. Perda e restauração da Bafa — 1624-25. A educação dos oficiais de marinha. Maneira fácil de aprender os sinais Morse. Os acontecimentos navais na atual conflagração.
- 2 *Boletim da administração militar*, n.º 11 de novembro de 1916. Comando, Estado Maior e Administração militar. Oficiais provisórios milicianos. Forno volante Manfred Weiss. Beresford e o fardamento do exercito português. Administração militar francesa em campanha. Instrução tactica das tropas de administração militar. Cosinhas rodadas e cantinas. Fabrico manual de bolacha. Finanças de guerra — IV — No conflito balkanico. Miscelanea.
- 3 *O Instituto*, n.º 11 de novembro de 1916. Calígrafos e iluminadores portugueses. Memorias de Carnide. Historia da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Antigas posturas da Camara da Vila da Horta (atualmente cidade), da ilha do Faial. Memorias arqueologico-historicas do distrito de Bragança. O Fausto de Goethe.
- 4 *O Oriente portuguez*, n.º 9 e 10 de setembro e outubro de 1916. Com-

- pendio universal. Apontamentos sobre o étimo das aldeias de Goa. Documentos do arquivo de fazenda. *Varia variorum*.
- 5 *Revista de artilharia*, n.º 149 de novembro de 1916. A tática e a técnica da artilharia de campanha. Retalhos da guerra. O colegio militar. A guerra europeia — Diario da guerra.
 - 6 *Revista de historia*, n.ºs 18 e 19 de abril e setembro de 1916. As conquistas de Roma — IV. Consequencias morais. As individualidades e a sua Acção no movimento da Historia. Estudos de literatura contemporanea — V. O sr. Antero de Figueiredo. Uma questão d'arte a proposito do arquiteto da Sé de Miranda do Douro. Gil Vicente. Padroado português no Ultramar e A decadencia. O inicio da guerra á reforma. A inquisição em Mazagão em 1607-1609. O conde de Castel-Melhor em Londres. Primeiro periodo da vida de Antonio Vieira. — O religioso — 1609-1640. A sciencia nautica portuguesa apreciada em Hespanha. Um desafio aos infantes D. Pedro e D. Henrique — (1415-1416) — Factos e Notas.
 - 7 *Revista dos sargentos portuguezes*, n.º 21 de 15 de novembro de 1916. Doutrinando ainda. A reorganização da armada. Pela Guarda Fiscal. Pontos principais a considerar num reconhecimento. Beijo impossivel. Vida das trincheiras. A reforma das praças de pré. Os sargentos coloniais e a promoção a 1.º sargento. Quinzena politica.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 285 de outubro de 1916. La batalla del Marne. Raid aereo. Ferro-carriles nacionales — La red del Estado y las tropas de ingenieros. La iniciativa. Exposicion de algunas ideas surgidas con motivo de la guerra actual. Aerostación militar.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.ºs 3 e 4 de setembro e outubro de 1916. Administração militar. Forte de Cabedello. Exercito em campanha Telemetria. Noticiario.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 355 de setembro e outubro de 1916. Departamento de organizacion y reglamentacion. Combate naval de Tutlandia. Metodo facil i practico para determinar en la mar la hora media de Greenwich. Los nuevos aeroplanos. La maquina Diesel marina. Tiro a gran angulo. La publicidad en materias de indole naval militar.

Cuba

- 1 *Boletin del ejercito*, n.º 8 de outubro de 1916. Fabricacion de cartuchos O. M. C. Cie. Empleo de la pistola. La instruccion militar obligatoria. El oficial, ante la Patria. La justicia fundamento de la disciplina. El alto mando en Alemania. Construccion de los cuarteles generales de brigada, division y cuerpos de ejercitos, en paz y en guerra, en los principales ejercitos. La fortificacion ligera.

Equador

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejercito de Colombia*, n.º 50 de agosto de 1916. Informe correspondiente al trabajo de plancheta ejecutado para la carta militar. Memoria militar del trabajo relativo al plano de

la región S. E. de Bogotá. Adiestramiento del caballo de guerra. Guía para la instrucción de la infantería. Conferencias por los oficiales en los casinos de los cuerpos de tropas. El ejército. Escuela de tiro para la artillería de campaña. Reconocimientos.

Espanha

- 1 *Boletín de intendencia e intervención militares*, n.º 60 de noviembre de 1916. Los cuerpos de Intendencia e intervención y la discusión de las reformas militares en el Senado. El pan en las trincheras. Organización del avituallamiento en el ejército francés durante la guerra. Los ejércitos de Carlos V, Emperador, juzgados por los Embajadores italianos. Centro técnico de Intendencia militar.
- 2 *Memorial de artillería*, n.º de noviembre de 1916. Nueva rompedora aérea: Bases fundamentales que deben utilizarse en la constitución y trazado de un modelo español para el servicio aeronáutico. Formato del caballo de tiro: Tipo artillero-agricultor. Las masas de artillería.
- 3 *Memorial de caballería*, n.º de noviembre de 1916. Deslindas en Cria Caballar. Sobre el pacifismo. Comentarios acerca de la instrucción de tiro por las tropas del arma. Consideraciones sobre el galope. Crónica de la guerra.
- 4 *Memorial de infantería*, n.º 58 de noviembre de 1916. A los lectores del «Memorial» Resumen general de la instrucción de tiro de la infantería en el año 1915. Formación del generalato. Ligeras consideraciones acerca de organización e instrucción militar. Acción española en Marruecos — Operación sobre el Biut y Ain Yir. Estudio geográfico de los Montes de Toledo. Los enlaces en el campo de batalla. Ametralladoras. Por el Rif y Yabala.

Estados- Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º de noviembre-diciembre de 1916. The diesel engine. Military character. Mine efficiency from storehouse to dock. A horizontal base spotting board. A device for giving an image of the searchlight arc in full, size outside the searchlight drum. Notes on the organization and administration of the United States marine corps. The floating room time-range board. The geobelin relocater.
- 2 *The International Military Digest*, vol. 2, n.º 12, diciembre de 1916.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de noviembre de 1916. Forza numerica degli ufficiali dell' arma di Cavalleria. De un mese all' altro. Verdun. La cavalleria nelle due guerre balcaniche. La battaglia della Marna in un libro tedesco! Conto «Roberto Gabutti di Bestagno». In certamine audaces.

Mexico

- 1 *Revista del ejército y marina*, n.º 12 de octubre de 1916. Deberes militares. Escuela constitucionalista médico-militar. Academia de Estado mayor. Academia de jurisprudencia militar. Acuerdos y disposiciones. Colonias militares. Detall de la Secretaría de Guerra y marina. Relación que manifiesta los CC. Comandantes militares de los diferentes

Estados de la Republica. Del servicio obligatorio. Catecismo del jinete montado. Disciplina, mando y obediencia. Nevrosis de las trincheras. Los peligros.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º de outubro de 1916. Krigen XVII. Kap-pelyst. Geværspøengninger. De forenede Stater og krigens lærdo-mane. Anmeldelser.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.º 11 de novembro de 1916. Mésopotamie et Dardanelles. Impressions du front austro-hongrois. A propos de dis-ci-pline. Hygiène et médecine militaire.

Estados-Unidos



Italia

Mexico